

O ESSENCIAL SOBRE

Michel de Montaigne

Clara Rocha

INCM
IMPRESA NACIONAL CASA DA MOEDA

O ESSENCIAL SOBRE

Michel de Montaigne

O E S S E N C I A L S O B R E

Michel de Montaigne

Clara Rocha

A pergunta «Que sçay-je?», que daria o nome a uma popular coleção de livros editada pelas Presses Universitaires de France a partir de 1941 («Que sais-je?», em francês moderno), é uma das mais conhecidas frases de Michel de Montaigne e acena-nos como um convite a entrar no seu mundo de inquietações pessoais e literárias. Foi a sua divisa, gravada numa das faces da medalha que mandou cunhar em 1576, à maneira renascentista, e que representava também uma balança com os pratos em equilíbrio. Se, por um lado, a interrogação traduz o seu ceticismo, por outro é a expressão duma incansável vontade de conhecimento do mundo, dos livros e de si mesmo que faz dele um dos grandes espíritos da cultura ocidental.

De Montaigne se diz habitualmente que inaugurou o *ensaio* como género literário, ao escrever um livro que ele próprio designou como «le seul livre au monde de son espece, et d'un dessein farousche

et extravagant»¹. Livro único na sua «espécie», de facto, que intrigou uns, irritou outros (Pascal, por exemplo) e inspirou muitos, abrindo caminho a um género que entre finais do século XVI e meados do século XIX seria cultivado por autores como Bacon (*Essays*, 1597), Locke (*An Essay Concerning Human Understanding*, 1690), Montesquieu (*Essai sur le goût*, 1748), Voltaire (*Essai sur les moeurs et l'esprit des nations*, 1756), Taine (*Essais de critique et d'histoire*, 1858) e Sainte-Beuve (*Causeries du lundi*, 1851-1862), e que se tornaria determinante no pensamento e na literatura da modernidade. O título escolhido para o livro era já de si insólito: *Essais de Michel de Montaigne*, na primeira variante da edição *princeps* — ou seja, «ensaios», «tentativas», «experiências», «exercícios», configurando um método pessoal, a construção dum raciocínio crítico sobre os mais diversos temas e, paralelamente, a captação do processo do pensamento em si mesmo («le progresz de mes humeurs»), nos seus movimentos, progressos e derivas. Como faz

1 Montaigne, *Les Essais*, édition établie par Jean Balsamo, Michel Magnien et Catherine Magnien-Simonin, Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 2007, Livre Second, cap. VIII, p. 404. Todas as citações dos *Essais* remetem para esta edição, com a indicação abreviada do Livro e do capítulo (em números romanos) e da página (em número árabe). Em Portugal existem algumas edições parciais ou antológicas dos *Ensaïos*, com destaque para a edição organizada e prefaciada por Rui Bertrand Romão, que vêm referidas na bibliografia final. Salvo indicação em contrário, as traduções das citações em nota de rodapé são nossas. «O único livro da sua espécie no mundo, com um projeto agressivo e extravagante.»

notar Rui Bertrand Romão, o estudioso português que mais tem trabalhado e publicado sobre a obra de Montaigne, o termo *essai* era usado em várias aceções no francês quinhentista:

«Desde logo, a de *prova* (tanto o ato propriamente dito como a avaliação dele resultante), e, correlatamente, as de *saboreio*, *degustação* e *pregustação* (incluindo a dos provadores de alimentos e bebidas). Outros sentidos do termo nesse tempo incluem os de *provação*, *experiência*, *experimento*, *exercício* e *tentativa*. [...] Por seu lado, o verbo *essayer* habitualmente significava *provar*, *pôr à prova*, *expor à prova*; *experimentar*; *verificar* e *avaliar*.»²

Estes vários sentidos confluem no título do livro de Montaigne, definindo o alcance e as possibilidades de «ceste resverie de me mesler d'escire»³ da qual fala o autor a Madame d'Estissac. E a palavra *essai*, que surge também por vezes no corpo do texto («Quant aux facultez naturelles qui sont en moy, dequoy c'est ici l'essay»⁴), acabou por se tornar a designação de um género de contornos pouco definidos que, tal como o entendemos hoje, cruza a reflexão pessoal com a leitura de outros textos,

2 Rui Bertrand Romão, *Montaigne e a Modernidade*, Covilhã, Universidade da Beira Interior, 2010, pp. 36-37.

3 *E*, II, VIII, 404. «Este devaneio de me meter a escrever.»

4 *E*, I, XXV, 151. «Quanto às minhas faculdades naturais, que aqui ponho à prova.»

exigindo o «espírito ensaístico», ou seja, o juízo crítico, o livre exame e a consciência do caráter hipotético da interpretação, como escreveu Sílvio Lima em 1944 no seu *Ensaio sobre a Natureza do Ensaio*.

A «resverie» de escrever a que alude Montaigne traduziu-se numa experiência intelectual e literária que durou cerca de vinte anos e cuja originalidade fez dos *Essais* uma peça-chave no cânone ocidental. O projeto inicial do livro filiava-se na tradição antiga das obras de reflexão filosófica e moral, bem como na tradição mais recente dos *Discours* e das *Leçons*, modelos muito apreciados no século XVI. Peter Burke definiu os primeiros como «um ressurgimento da diatribe grega», no sentido original de conversação filosófica ou «curta reflexão sobre um tema moral, escrita de forma viva, direta e amena, de modo que o leitor tenha a impressão de estar a ouvir o autor»⁵. As *Leçons*, por sua vez, eram miscelâneas didáticas e edificantes, versando sobre temas variados, numa montagem de citações eruditas, exemplos e reflexões breves. Juntamente com os *Adagia* (1536) de Erasmo, esses repertórios de sentenças e citações comentadas tiveram, à época, um papel de primeira linha na difusão da cultura humanista. Numa obra de referência, *Les sources et l'évolution des Essais de Montaigne*⁶, Pierre Villey salientou a importância do modelo

5 Peter Burke, *Montaigne*, Madrid, Alianza Editorial, 1985, p. 82 (tít. orig.: *Montaigne*, Oxford, Oxford University Press, 1981).

6 Pierre Villey, *Les sources et l'évolution des Essais de Montaigne*, 2 vols., Paris, Librairie Hachette, 1933 (1.^a ed.: 1908).

das *Leçons* na composição dos primeiros ensaios (aqueles que foram redigidos entre 1572 e 1574) e mostrou como o autor se foi afastando desse paradigma até chegar a uma forma «pessoal» de escrita, conforme ao seu próprio modo de leitura dos clássicos e de observação da vida quotidiana.

O «exercício» ensaístico de Montaigne é inconfundível: vivo e inquieto, ciente da precariedade do conhecimento humano, procura, interroga, duvida, tenteia, avança, revê e acrescenta. Numa curiosidade omnívora, toca os mais diversos assuntos, tendo sempre o humano no centro das suas preocupações. É um exercício crítico e experimental que não se resolve em respostas, mas se envolve em indagações e aproximações sucessivas, e que por isso encontra na descontinuidade e no fragmento a sua forma mais adequada. O capítulo L do Livro I dá-nos um notável metadiscurso sobre as *démarches* do pensamento, os seus avanços e recuos, as formas de agarrar cada matéria que permitem a composição dos ensaios. E o modo de «niaiser et fantastiquer» de Montaigne (na sua saborosa expressão), que é também um modo de duvidar («Si Philosopher c'est douter, comme ils disent, à plus forte raison niaiser et fantastiquer, comme je fais, doit estre doubter: car c'est aux apprentifs à enquerir et à debatre»⁷), veio a constituir a matriz de um género que ocuparia um lugar central na *epistème* moderna.

7 *E*, II, III, 368. «Se filosofar é duvidar, como se diz, por maioria de razão escrever tolices e fantasias, como eu faço, deve ser duvidar: porque cabe aos aprendizes inquirir e debater.»

Os *Essais* são também uma obra inaugural por outra razão, que tem a ver com o seu lugar na história da noção que hoje temos do *eu*. Numa obra notável intitulada *Sources of the Self*⁸, Charles Taylor traçou o percurso que levou à formação da identidade moderna, detendo-se nos autores e nas concepções que ao longo da História foram estratificando os sentidos de interioridade, de liberdade e de individualidade, tão vinculados no mundo ocidental. Taylor mostra como a nossa noção moderna de eu está ligada a um sentido de interioridade — situamos os nossos pensamentos e sentimentos no «interior» de nós, e no «exterior» os objetos do mundo sobre os quais incidem esses pensamentos e sentimentos —, mas sublinha a historicidade daquela noção, que resulta de uma sedimentação de interpretações feita ao longo dos séculos no pensamento do Ocidente. A doutrina moral de Platão, que n’*A República* descreve o homem bom como senhor de si mesmo (ou «mais forte do que ele próprio») quando a razão governa os desejos, a visão da ordem cósmica e o papel da interioridade como forma de aceder a Deus em Santo Agostinho, a concepção individualista do eu em Montaigne e a definição duma essência geral do humano em Descartes são algumas das etapas no percurso desenhado por Taylor, percurso esse que prossegue até ao século XX, focando aquela literatura que a partir de Rimbaud afirmou o

8 Charles Taylor, *Sources of the Self*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1989 (trad. franc.: *Les sources du moi*, Paris, Seuil, 1998).

sujeito como pluralidade e explorou as mais diversas experiências da alteridade.

No magistral traçado que Taylor faz da «genealogia» da identidade moderna, Montaigne ocupa o lugar central de quem fez do conhecimento e da representação de si (com a sua reflexividade e os seus dispositivos linguísticos) o projeto não apenas de um livro, mas de uma vida. Partindo do princípio de que não sabemos à partida quem somos, o autor dos *Essais* está sobretudo interessado na particularidade de cada ser, na figura singular dum eu que não se pode comparar com nenhum outro. Diante da inconstância de tudo o que existe à face da terra, e ele próprio instável e diverso por temperamento, tem a consciência clara de que esse eu é tão difícil de apreender que nunca se esgota no gesto de o experimentar (*essayer*) ou explorar. E di-lo por meio de um símile de extraordinária beleza, o da água que foge por entre as mãos:

«[...] il n'y a aucune constante existence, ny de notre estre, ny de celuy des objets. Et nous, et nostre jugement, et toutes choses mortelles, vont coulant et roulant sans cesse [...]. Nous n'avons aucune communication à l'estre, par ce que toute humaine nature est toujours au milieu, entre le naistre et le mourir, ne baillant de soy qu'une obscure apparence et ombre, et une incertaine et debile opinion. Et si de fortune vous fichez votre pensée a vouloir prendre son estre,

ce sera ne plus ne moins que qui voudroit
empoigner l'eau.»⁹

Tal não o impede, no entanto, de se lançar na aventura de descoberta do próprio eu — uma procura que não visa um conhecimento do Homem na sua essência, como aquele que propõe o racionalismo cartesiano, antes sonda a originalidade e a diversidade de uma forma sempre em movimento. Como escreve Taylor, «the contrast with Descartes is striking, just because Montaigne is at the point of origine of another kind of modern individualism, that of self-discovery, which differs from the Cartesian both in aim and method. Its aim is to identify the individual in his or her unrepeatable difference, where Cartesianism gives us a science of the subject in its general essence»¹⁰.

A pesquisa duma interioridade assim diversa e descontínua não foi o propósito inicial dos

9 *E*, II, XII, 639. «Não há nenhuma existência constante, nem do nosso ser, nem do ser dos objetos. Nós, os nossos juízos e todas as coisas mortais vamos incessantemente fluindo e rolando. Não podemos aceder ao ser, porque toda a humana natureza está sempre no meio, entre o nascimento e a morte, e apenas dá de si mesma uma obscura aparência ou sombra, e uma ideia frouxa e incerta. E se por acaso fixarmos o nosso espírito no conhecimento do seu ser, será tal e qual como querer agarrar água.»

10 Charles Taylor, *Sources of the Self*, pp. 181-182. «O contraste com Descartes é tanto mais notável quanto Montaigne está na origem de um outro tipo de individualismo moderno, o da descoberta de si, que difere da descoberta cartesiana tanto na sua finalidade como no seu método. O seu objetivo é identificar o indivíduo na sua singularidade irrepetível, enquanto o cartesianismo propõe uma ciência do sujeito na sua essência geral.»

Essais, mas em breve se tornou o objeto central do livro — que fez também do reconhecimento do eu o lugar duma exploração ou ensaio. Montaigne refere frequentemente esse desígnio ao longo da obra, chegando a escrever: «Je m'étudie plus qu'autre subject. C'est ma metaphysique, c'est ma physique.»¹¹ Ao longo de mais de mil páginas, dá-nos o seu retrato físico e anímico, anota defeitos e qualidades, regista hábitos e gostos, faz balanços de vida, compara retratos de juventude com a imagem do homem envelhecido («combien de fois, ce n'est plus moy»¹²), observa as mudanças que diariamente sacodem o seu espírito. Formula mesmo, num capítulo do Livro II, a ideia duma consubstancialidade entre o eu e a sua monumental empresa autográfica:

«Me peignant pour autrui, je me suis peint en moy, de couleurs plus nettes, que n'estoyent les miennes premières. Je n'ay pas plus fait mon livre, que mon livre m'a fait. Livre consubstantiel à son auteur: D'une occupation propre: Membre de ma vie: non d'une occupation et fin tierce et estrangeire, comme tous autres livres.»¹³

11 *E*, III, XIII, 1119. «Estudo-me mais do que qualquer outro assunto. É a minha metafísica, é a minha física.»

12 *E*, III, XIII, 1152. «Quantas vezes, já não sou eu.»

13 *E*, II, XVIII, 703-704. «Pintando-me para outrem, pintei-me em mim com cores mais nítidas do que as originais. O meu livro fez-me a mim, tanto como eu fiz o meu livro. Livro consubstancial ao seu autor, com um lugar próprio, membro da minha vida; não com um lugar e finalidade terceiros e alheios, como todos os outros livros.»

Mas é com o *avis* «Au lecteur», um pequeno texto preambular datado de 1 de março de 1580, que Montaigne apresenta o seu projeto e o resume numa fórmula emblemática: «[...] c'est moy que je peins.»¹⁴ Num ensaio incluído no volume *L'écriture de soi*¹⁵, Louis Marin analisa esse texto liminar – que é também, como sublinha, o texto de conclusão da escrita dos dois primeiros livros – enquanto metanarrativa da representação do eu. O autor chama a atenção para os dispositivos de enquadramento que ele ativa, nomeadamente a *deixis*, o conjunto dos termos (advérbios, pronomes pessoais, possessivos ou demonstrativos) que traduzem a situação de enunciação e, com ela, a especificidade do projeto do livro. Louis Marin levanta, a respeito dos *Essais*, uma série de questões em torno da representação do eu, da sua identificação e da sua figurabilidade. Mostra como a obra se inscreve na tradição da «vieille injonction delphique ou démonique du 'connais-toi toi même'»¹⁶, mas retoma esse antiquíssimo motivo do conhecimento de si ensaiando-o como *reconhecimento de si*: um duplo «reconhecimento», tanto no sentido de reencontro daquele que já é conhecido (o mesmo que desde sempre esteve lá) como no sentido de aproximação ou exploração das margens dum eu (como lugar afinal desconhe-

14 *E*, «Au lecteur», 27. «É a mim mesmo que pinto.»

15 Louis Marin, «'C'est moi que je peins...': De la figurabilité du moi chez Montaigne», in *L'écriture de soi*, Paris, PUF, 1999.

16 Id., *ibid.*, p. 114. «Velha injunção délfica ou demónica do 'conhece-te a ti mesmo'.»

cido). E detém-se sobre a questão da figuração no autorretrato, mostrando os procedimentos que, nos *Essais*, convertem na imagem dum *moi* («une peinture écrite, une image textuelle»¹⁷) o sujeito que se enuncia.

Invenção do ensaio, ensaio do eu: duas formas duma experimentação que situa Montaigne no limiar da modernidade e que nos dá a medida da sua aventura intelectual. Na síntese exata de Eduardo Lourenço, «se Montaigne não sabia quem era e, para o saber, decidiu escrever-se, sabia muito bem que existia. Poucos homens antes dele, e ainda menos depois dele, o souberam com a mesma intensidade. [...] Não tendo encontrado ninguém mais interessante e estranho do que ele mesmo no seu caminho, Montaigne converteu o espanto sem fim deste encontro em experiência escrita»¹⁸. A sua empresa foi tão nova no seu tempo que surpreendeu os contemporâneos; o autor precisou de a justificar algumas vezes no seu livro, não se cansou de acentuar a importância e o significado da introspeção, e sobre ela escreveu quase no final da vida:

«Moy, qui ne fais autre profession, y trouve une profondeur et variété si infinie, que mon apprentissage n'a autre fruit, que

17 Id., *ibid.*, p. 115. «Uma pintura escrita, uma imagem textual.»

18 Eduardo Lourenço, «Montaigne ou a vida escrita», in *Heterodoxias*, coordenação, introdução e notas de João Tiago Pedrosa de Lima, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2.^a ed., 2012, p. 535.

de me faire sentir, combien il me reste à apprendre.»¹⁹

Michel de Montaigne nasceu a 28 de fevereiro de 1533 no castelo de Montaigne, uma casa senhorial do século XIV situada no Périgord (região da Aquitânia), no sudoeste da França. A propriedade fora adquirida em 1477 pelo seu bisavô Ramon Eyquem, um mercador de Bordéus enriquecido no comércio de vinhos, de peixe salgado e de pastel (uma planta utilizada na tinturaria de tecidos). Com a sua aquisição acedeu Ramon ao estatuto de «Seigneur de Montaigne», título que legaria aos seus descendentes. Situado numa colina rodeada de vinhedos, várias vezes modificado ao longo dos tempos e parcialmente reconstruído depois de um grande incêndio em 1885, o castelo de Montaigne é hoje monumento histórico e conserva a torre da biblioteca como único vestígio da época em que nele viveu o autor dos *Essais*. A famosa torre redonda, no lado sul do edifício principal, pode ser visitada: o piso térreo é ocupado por uma capela consagrada a São Miguel, no primeiro andar ficava o quarto de Montaigne e no piso superior situava-se a sua biblioteca, guardando mais de mil livros e com o teto ornamentado de inscrições

19 *E*, III, XIII, 1122. «Eu, que não tenho outra ocupação, encontro nela uma profundidade e variedade tão infinitas, que o único fruto da minha aprendizagem é fazer-me sentir o quanto me falta aprender.»

gregas e latinas pintadas na madeira das vigas e dos barrotes.

Michel de Montaigne era o filho mais velho de Pierre Eyquem, que foi presidente da Câmara de Bordéus entre 1554 e 1556, e de Antoinette de Louppes, oriunda duma família de judeus ibéricos convertidos ao catolicismo. Embora muito se tenha especulado sobre a hipótese da ascendência portuguesa de Antoinette de Louppes, crê-se hoje que a sua família teria partido de Aragão para se instalar em Toulouse entre finais do século xv e começos do século xvi. Pierre e Antoinette tiveram mais três filhos, Thomas, Pierre e Bertrand, e três filhas, Jeanne, Léonor e Marie. Por decisão do pai, Michel foi enviado desde o berço para a vizinha aldeia de Papassus, uma das povoações dos domínios de Montaigne, e entregue a uma ama para ser criado, como se pode ler no Livro III dos *Essais* (capítulo XIII, «De l'expérience»), na frugalidade, na austeridade e na ligação com o povo. «Son humeur», escreve Montaigne comentando o propósito do pai, «visoit encore à une autre fin. De me rallier avec le peuple, et cette condition d'hommes, qui a besoin de nostre ayde: et estimoit que je fusse tenu de regarder plutost, vers celuy qui me tend les bras, que vers celuy, qui me tourne le dos.»²⁰

20 *Ibid.*, 1149. «A sua vontade tinha ainda outro desígnio, o de me juntar ao povo, e a essa condição de homens que precisa do nosso auxílio; e achava bom que eu fosse obrigado a olhar para aquele que me estende os braços, mais do que para aquele que me volta as costas.»

De regresso ao castelo paterno, foi educado de acordo com os princípios da pedagogia humanista, e em particular da *educatio liberalis* advogada por Erasmo no seu *De pueris*. Assim, era acordado todas as manhãs ao som melodioso da espineta, de forma suave e sem sobressalto, e desde muito cedo aprendeu a língua latina pelo «método direto», conforme a recomendação erasmiana, com um preceptor alemão que não falava francês. Como língua primeira, o latim era usado na conversa diária com o pedagogo, e também com os pais e com os criados, em observância da «regra inviolável» imposta por Pierre Eyquem, que desejou para o filho uma formação espiritual tão sólida quanto agradável, feita em plena liberdade, «sem rigor nem constrangimento».

Entre 1539 e 1546, Michel de Montaigne prosseguiu os estudos em Bordéus, no Colégio de Guiena, cujo diretor era então o português André de Gouveia («le plus grand principal de France»²¹, como mais tarde o evocou). Aí aprendeu com humanistas da craveira de Grouchy, Buchanan, Guérente e Élie Vinet e começou a ler obras latinas, como as *Metamorfoses* de Ovídio ou as comédias de Terêncio e de Plauto, que lhe eram deixadas no quarto para que as encontrasse como «por acaso» e se iniciasse na leitura dos clássicos. Terminado o curso de Direito, possivelmente em Toulouse, foi nomeado em 1554 conselheiro da Cour des Aides de Périgueux (no mesmo ano em que o pai foi eleito *maire* de Bordéus) e em dezembro de

21 «O maior diretor de França.»

1557, depois da extinção daquele tribunal, entrou para o Parlamento de Bordéus, tal como os outros magistrados.

Em 1558 travou conhecimento com Etienne de La Boétie, distinto magistrado e autor do *Discours de la servitude volontaire* (redigido em 1549 e publicado em 1574), uma obra de filosofia política que questiona as razões pelas quais os povos se sujeitam à tirania. Com um brilho tanto mais surpreendente quanto o autor tinha dezoito anos à data da redação do texto, o *Discours* analisa os fundamentos dum regime que só a renúncia a um ideal de liberdade torna possível, formulando em termos incisivos a questão da submissão à autoridade dos tiranos: como é possível, escreve La Boétie, que «tant d'hommes, tant de bourgs, tant de villes, tant de nations endurent quelquefois un tyran seul, qui n'a de puissance que celle qu'ils lui donnent?»²².

O autor aponta algumas razões da «servidão voluntária»: as estratagemas ou *drogueries* que desde a Antiguidade os tiranos usaram para anestesiar a vontade do povo (espetáculos e entretenimentos de toda a sorte); a ambição e a cupidez que movem os cortesãos, menos livres ainda do que o povo oprimido; e, sobretudo, o próprio hábito da sujeição. «La première raison pourquoi les hommes servent

22 La Boétie, *Discours de la servitude volontaire suivi du Mémoire touchant l'édit de janvier 1562*, introduction et notes de Paul Bonnefon, Paris, Editions Bossard, 1922, p. 50. «Tantos homens, tantas vilas, tantas cidades, tantas nações suportem por vezes um único tirano, que só tem o poder que eles lhe conferem?»

volontiers», observa La Boétie, «est pour ce qu'ils naissent serfs et sont nourris tels»²³. E acrescenta: «[O]n ne plaint jamais ce que l'on n'a jamais eu.»²⁴ A única forma de sair da servidão é o desejo de liberdade, porque o fundamento da tirania é, para o autor do *Discours*, muito menos a repressão do que a desposseção voluntária daquela condição essencial do humano.

A leitura dum texto tão marcante e o encontro com o jovem parlamentar numa ocasião festiva foram o começo duma profunda amizade entre Montaigne e La Boétie, amizade essa que deixou marcas indeléveis no espírito do primeiro e ficaria registada em páginas admiráveis dos *Essais*. Foi inegável o ascendente de La Boétie sobre Montaigne, não tanto pela diferença de idades (o autor do *Discours* era apenas dois anos mais velho) como pela diferença de temperamento entre ambos (La Boétie era já senhor de uma personalidade amadurecida, temperada pela lição estoica dos antigos) e pelo prestígio intelectual dum magistrado que era também filólogo, poeta, tradutor e filósofo. A amizade entre ambos, dádiva recíproca fortalecida ao longo de quatro anos de diálogo e partilha de ideias, é evocada no capítulo «De l'amitié» (Livro I), moldando-se sobre a definição que Cícero nos deixou de um sentimento que nada tem a ver com a ocasião, o proveito, a necessidade pública ou privada, mas que encontra

23 Id., *ibid.*, pp.77-78. «A primeira razão pela qual os homens servem voluntariamente é que nascem servos e são assim educados.»

24 *Ibid.*, p. 74. «Nunca se sente a falta daquilo que se não teve.»

justificação em si mesmo e consiste num entendimento pleno entre dois seres. Nesse «mélange si universel»²⁵ que chega a apagar a costura que os uniu, nessa «intelligence, si promptement parvenue à sa perfection»²⁶, têm visto alguns críticos um amor que não se confessa e que reinventa através da escrita a sua imagem ideal. Montaigne resume numa formulação paralelística a força de um afeto sublime:

«Si on me presse de dire pourquoy je l'aymois, je sens que cela ne se peut exprimer, qu'en respondant: Par ce que c'estoit luy, par ce que c'estoit moy.»²⁷

Distinguindo essa amizade das «amizades comuns», porque são muito diferentes as regras que as governam, o autor recorda La Boétie em termos de incondicional dedicação:

«Nos ames ont charié si uniment ensemble: elles se sont considerées d'une si ardante affection, et de pareille affection descubertes jusques au fin fond des entrailles l'une à l'autre: que non seulement je cognoisoy la sienne comme la mienne, mais

25 *E*, I, xxvii, 195. «União tão absoluta.» (Trad. Rui Bertrand Romão.)

26 *Ibid.* «Entendimento mútuo, que tão prontamente chegou à perfeição.» (Trad. Rui Bertrand Romão.)

27 *Ibid.* «Se me intimam a dizer porque o amava, sinto que só o posso exprimir respondendo: 'Porque era ele; porque era eu'.» (Trad. Rui Bertrand Romão.)

je me fusse certainement plus volontiers fié
à luy de moy, qu'à moy.»²⁸

Em 1559, Montaigne viajou até Paris e começou a frequentar a corte. Pouco depois eclodiram os primeiros confrontos entre católicos e protestantes, envolvendo grandes senhores e figuras da realeza, que alastraram rapidamente a várias regiões do reino e levaram à primeira guerra de religião em 1562. Os anos que se seguiram foram marcados por sucessivas guerras civis, num total de oito (até 1598, data do Édito de Nantes, assinado por Henrique IV, que definia os direitos religiosos e jurídicos dos huguenotes em França), com violentos confrontos entre as duas partes religiosas, assassinatos políticos, perseguições e chacinas. Intervaladas por missões políticas de conciliação e tratados de paz, as guerras religiosas mergulharam a França num período de profunda conturbação social e política que se estendeu ao longo de quase toda a segunda metade do século XVI. Montaigne, que em junho de 1562 prestou juramento de fidelidade à religião católica (muito embora fosse um católico tolerante) para ser admitido no Parlamento de Paris, e que acompanhou o exército real a Rouen (onde se travou uma das grandes batalhas da pri-

28 *Ibid.*, 196. «Tão fortemente emparelhadas andaram as nossas almas e se consideraram uma à outra com um afeto tão ardente, com igual afeto pondo-se mutuamente a descoberto até ao imo das entranhas, que não só eu lhe conhecia a alma tão bem como a minha, mas, decerto, até me fiaria mais nele que em mim próprio.» (Trad. Rui Bertrand Romão.)

meira guerra), não deixou de registrar nos *Essais* os efeitos devastadores da guerra civil no tempo histórico que lhe coube viver.

No início de agosto de 1563, La Boétie adoeceu gravemente e morreu em Germignan, em casa do conselheiro de Lestonnac, cunhado de Montaigne. Nos seus últimos dias de vida, pediu ao amigo que ficasse junto dele e redigiu um testamento pelo qual lhe legava a biblioteca e os escritos. Montaigne enviou ao pai uma carta, mais tarde publicada juntamente com esses escritos, em que relatava os derradeiros momentos de La Boétie e enaltecia o seu estoicismo e a sua grandeza moral.

Em 1565 casou com Françoise de la Chassaigne, de uma família de magistrados (a chamada «noblesse de robe») bordaleses, que lhe daria seis filhas, das quais apenas sobreviveu Léonor, nascida em 1571. Com a morte de Pierre Eyquem em junho de 1568, Michel tornou-se proprietário de Montaigne. Foi ainda a pedido do pai, como regista no capítulo XII do Livro II dos *Essais*, que traduziu para francês a obra do catalão Raimundo Sabunde *Theologia naturalis sive liber creaturarum*, livro que um erudito oferecera a Pierre Eyquem à despedida de uma breve estada em Montaigne. «Or quelques jours avant sa mort, mon pere ayant de fortune rencontré ce livre sous un tas d'autres papiers abandonnez, me comanda de le luy mettre en François. [...] C'estoit une occupation bien estrange et nouvelle pour moy: mais, estant de fortune pour lors de loisir, et ne pouvant rien refuser au commandement du meilleur pere qui fut onques, j'en vins à bout, comme je peuz; à quoy il

print un singulier plaisir, et donna charge qu'on le fist imprimer: ce qui fut executé après sa mort»²⁹ — assim recorda Montaigne as circunstâncias do seu primeiro trabalho literário como tradutor.

Após a publicação da *Théologie Naturelle*, renunciou em 1570 ao cargo de conselheiro no Parlamento, editou em Paris os escritos de La Boétie (com dedicatórias do seu próprio punho) e retirou-se para o castelo ancestral, no propósito de se entregar ao *otium* e ao estudo. A 28 de fevereiro de 1571, dia do seu aniversário, mandou pintar nas paredes do gabinete uma inscrição em latim que assinalava o seu afastamento da vida pública e o desejo de cultivar as musas:

«No ano de Cristo 1571, com a idade de 38 anos, na véspera das calendas de março, seu aniversário natalício, Michel de Montaigne, de há muito cansado da servidão áulica e dos cargos públicos, ainda na plenitude das suas forças, retirou-se para o seio das doutas virgens, onde, em sossego e segurança, passará o que lhe resta de uma vida já muito avançada. Queira o destino

29 *E*, II, XII, 459. «Ora alguns dias antes da sua morte, o meu pai, tendo por acaso encontrado esse livro debaixo de um monte de papéis abandonados, encarregou-me de lho verter para francês. [...] Era um trabalho deveras estranho e novo para mim; mas, estando por acaso desocupado na altura, e nada podendo recusar ao mandado do melhor pai que algum dia existiu, desobriguei-me da tarefa o melhor que pude; e com isso teve ele um singular prazer, e deu ordem de que se mandasse imprimir, o que se fez depois da sua morte.»

permitir que ele perfaça esta residência e doce refúgio ancestral, que consagrou à sua liberdade, à sua tranquilidade e ao ócio.»

A leitura passou então a ocupar muitas das suas horas. Entre 1571 e 1580, os seus autores de eleição foram Séneca, Plutarco, Horácio, Lucrecio, Ovídio e Virgílio. Mas leu também Platão, Aristóteles, Píndaro, Terêncio, Cícero, Catulo, Marcial e Sexto Empírico; interessou-se em especial pelos historiadores, de César a Philippe de Comines; e, entre os autores seus contemporâneos, preferiu Ronsard e Du Bellay. Montaigne lia ao sabor do momento e da curiosidade, escolhendo fragmentos, passando de uma obra a outra e anotando profusamente os textos que tinha em mãos. Como escreveu no capítulo «Des livres» (Livro II, cap. x), «je ne cherche aux livres qu'à m'y donner du plaisir par un honneste amusement: ou si j'estudie, je n'y cherche que la science, qui traicte de la connoissance de moy-mesmes, et qui m'instruise à bien mourir et à bien vivre»³⁰.

No retiro da sua torre iniciou também a redação dos ensaios, citando com frequência os clássicos (e Montaigne metaforiza a seu modo uma espécie de bloomiana ansiedade da influência: «[I]l faut avoir les reins bien fermes pour entreprendre de

30 *E*, II, x, 429. «Nos livros busco só o dar-me prazer através de uma decente distração ou então, se estudo, neles procuro apenas a ciência que trata do conhecimento de mim mesmo e me ensina a bem morrer e a bem viver.» (Trad. Rui Bertrand Romão.)

marcher front à front avec ces gens là»³¹), evocando exemplos, comentando leituras e dando forma às suas próprias reflexões. Um exercício de humanista, uma recreação de homem culto; mas também um modo de preencher uma ausência, uma terapia contra a irremediável solidão causada pela perda de La Boétie (desde a qual, escreve, «il me semble n'estre plus qu'à demy»³²). E ainda uma disciplina do espírito: «L'ame qui n'a point de but estably, elle se perd: Car comme on dit, c'est n'estre en aucun lieu, que d'estre par tout.»³³ No capítulo VIII do Livro I, intitulado «De l'oisiveté», Montaigne disserta sobre os perigos da ociosidade, numa sequência de imagens naturalistas que perfaz o balanço da sua própria experiência. Compara os espíritos inativos a terras férteis em pousio, que produzem toda a espécie de ervas daninhas e que é preciso lavar e semear para que se tornem úteis; por fim, confessa que o seu, ao qual julgou prestar o melhor serviço libertando-o das obrigações públicas, parece um cavalo à solta («cheval échappé») que lhe dá ainda mais trabalhos. Tantos monstros e quimeras engendra, «sans ordre, et sans propos, que pour en contempler à mon ayse l'ineptie et l'éstrangeté, j'ay commencé de les mettre en rolle: esperant avec le temps, luy

31 *E*, I, xxv, 151. «É preciso ter firmeza de rins para se aventurar a fazer frente a tais homens.»

32 *E*, I, xxvii, 200. «Me parece mais não ser agora que meio.» (Trad. Rui Bertrand Romão.)

33 *E*, I, viii, 54. «A alma que não tem um ponto de mira perde-se, pois, como sói dizer-se, é não estar em parte nenhuma em todo o lado estar.» (Trad. Rui Bertrand Romão.)

en faire honte à luy mesmes»³⁴, conclui com um grão de ironia. Nesta referência a «monstros» e «quimeras» viu Fausta Garavini, autora de várias publicações sobre Montaigne e da tradução italiana integral da sua obra maior, uma chave de leitura dos *Essais*. Garavini sustenta que a escrita dos ensaios é para Montaigne uma tentativa de dominar (ou exorcizar) os medos e obsessões que o assaltam; a sua exegese vai precisamente à procura dos fantasmas que o texto deixa entrever e das estratégias de reconfiguração dos conflitos emotivos nos *Essais*³⁵.

Nos anos de redação dos dois primeiros livros dos ensaios, Montaigne não deixou de desempenhar missões políticas nem de cumprir as obrigações militares inerentes à sua condição de homem nobre. Em 1574 acompanhou o exército real até ao Poitou, onde o duque de Montpensier o encarregou de uma missão junto do Parlamento de Bordéus; foi também nomeado gentil-homem da câmara de Henrique de Navarra em 1577.

Em 1580 o editor Simon Millanges deu à estampa os *Essais* (Livros I e II), em Bordéus. Depois de passar por Paris para os apresentar a Henrique III, e de assistir ao cerco de La Fère, onde perdeu a vida o seu amigo M. de Gramont, o escritor empreendeu

34 *Ibid.*, 55. «Sem ordem nem motivo, que, para convenientemente lhes contemplar a inépcia e a estranheza, comecei a arrolá-los, esperando, com o correr do tempo, envergonhá-lo de si próprio.» (Trad. Rui Bertrand Romão.)

35 Fausta Garavini, *Monstres et chimères. Montaigne, le texte et le fantasme*, Paris, Honoré Champion, 1993.

uma longa viagem a Itália, passando pela Suíça e pela Alemanha. Acompanhado de alguns fidalgos e servidores, partiu de Plombières (onde fez uma primeira cura termal) para Mulhouse, continuando depois por Basileia, Baden, Lindau, Augsburg, Munique, Innsbruck, Bolzano, Trento, Verona, Pádua, Veneza, Ferrara, Bolonha, Florença, Siena e Roma. Na «cidade eterna» permaneceu cinco meses, antes de prosseguir o caprichoso e pouco linear itinerário que o levaria ainda a outras cidades italianas, como Luca, Pisa e Milão. Montaigne sofria de *gravelle* (pedra nos rins e na bexiga) desde 1578 e a viagem teve dias tormentosos, sobretudo na parte final, pois a doença não lhe deu tréguas, com repetidas crises a que se somavam por vezes cefaleias e até fortes dores de dentes. À procura dos efeitos benéficos das águas minerais, em que confiava mais do que nos remédios da medicina, quis conhecer as estâncias termais da Lorena, da Suíça e da Itália, demorou-se nas mais afamadas e experimentou, por duas vezes, as curas de águas em La Villa, perto de Luca. Fosse para tratar a sua litíase, fosse para esquecer as preocupações domésticas e afastar a melancolia, a viagem permitiu-lhe descobrir uma alteridade geográfica e humana que gravou em todos os pormenores: a beleza dos lugares, as artes e os monumentos, as práticas religiosas, os costumes, a gastronomia. Em Roma, tanto se interessou pelas preciosidades da Biblioteca Vaticana como pelas discussões teológicas, pelos festejos do Carnaval e pelas conversas das «femmes publiques». Daí seguiu para Loreto, a cujo santuário ofereceu um ex-voto em prata representando a sua família sob a proteção da Virgem. Depois de visitar

(ou revisitar) outras cidades italianas, a 7 de setembro de 1581 recebeu em Luca correspondência de M. Tausin, anunciando-lhe a sua eleição para o cargo de *maire* de Bordéus e pedindo-lhe que aceitasse «por amor à pátria». Ainda assim, voltou a Roma e só em meados de outubro iniciou a viagem de regresso a França, atravessando os Alpes com tempo já agreste e chegando a 30 de novembro ao castelo de Montaigne. Aí recebeu uma carta de Henrique III instando-o a assumir o cargo que lhe fora confiado pelos Jurados da cidade e que o próprio rei confirmava.

As etapas da jornada de 1580-1581 ficaram documentadas no *Journal de voyage* redigido ao longo dos dezassete meses que ela durou, e cujo manuscrito foi descoberto pelo abade de Prunis, dois séculos mais tarde, nos arquivos do castelo de Montaigne, dentro de um velho cofre contendo papéis esquecidos. Meunier de Querlon encarregou-se da apresentação e da transcrição do texto para publicação, por escolha do conde de Ségur de la Roquette, então proprietário do castelo. Contrariando a opinião do abade de Prunis, que fizera uma primeira transcrição do manuscrito e pretendia fazer cortes no texto, por achar que muitas páginas mais pareciam um boletim médico, o conde de Ségur fez questão de dar aos leitores a versão integral da narrativa. O livro foi editado em 1774, simultaneamente em Paris e em Roma.

Em 1582 foi dada à estampa uma segunda edição dos dois primeiros livros dos *Essais*, com alguns aditamentos. No ano seguinte, Montaigne foi reeleito presidente da Câmara de Bordéus, cargo espinhoso numa cidade dividida entre fações

religiosas e, sobretudo, muito contrário ao seu feitio natural – como mais tarde escreveria, «le Maire et Montaigne, ont tousjours esté deux»³⁶. Tal não o impediu de desempenhar um papel ativo nas negociações entre católicos e protestantes, mantendo correspondência com o marechal de Matignon, lugar-tenente do rei na Guiana, e Du Plessis-Mornay, homem de confiança de Henrique de Navarra. Em junho de 1585 a peste assolou Bordéus, alastrando depois ao Périgord. Montaigne, que cessava funções no final de julho, partiu do seu castelo com a família para fugir à epidemia.

Entre 1586 e 1587 escreveu o terceiro livro dos *Essais*. Em junho de 1588 foi publicada em Paris uma nova edição da obra em três livros, com numerosos acrescentos aos dois primeiros. Na capital francesa, onde permaneceu de fevereiro a outubro desse ano, conheceu Marie le Jars de Gournay, a quem chamaria a sua «fille d'alliance» («filha adotiva», num sentido de discipulato bastante comum à época). De passagem por Paris na companhia da mãe, Marie de Gournay, a quem a leitura dos *Essais* causara uma profunda impressão alguns anos antes, enviou a Montaigne um bilhete em que lhe manifestava o desejo de o conhecer. Encontraram-se no dia seguinte, e o escritor, certamente lisonjeado pela admiração da jovem interlocutora, chegou a fazer algumas viagens até ao castelo de Gournay, na Picardia. Órfã de pai aos

36 *E*, III, x, 1057. «O presidente da Câmara e Montaigne foram sempre dois.»

treze anos, educada pela mãe segundo os ditames do «código feminino» da nobreza de Quinhentos, Marie não se lhes acomodou, aprendeu latim e grego e defendeu as suas ideias feministas em escritos como *Égalité des Hommes et des Femmes* (1622) e *Grief des Dames* (1626). Mal-amada no seu tempo, por defender a igualdade dos sexos e ousar pronunciar-se sobre as mais variadas questões sociais, consideradas do exclusivo domínio dos homens, Marie de Gournay foi uma mulher de letras prolífica, que fez versos, dissertou sobre a educação dos príncipes e traduziu Salústio, Ovídio, Tácito e Virgílio. Mas a sua notoriedade ficou sobretudo ligada ao nome do escritor que a encandeou desde o primeiro momento em que o leu, e que lhe dedicou também uma terna amizade. Em 1594 publicou um pequeno romance, *Le Proumenoir de Monsieur de Montaigne*, escrito pouco depois do encontro entre ambos e inspirado nas conversas que tiveram acerca do amor na obra de Plutarco. Depois da morte de Montaigne, Françoise de la Chassigne enviou-lhe um exemplar de 1588 dos *Essais* com as últimas anotações do escritor nas margens dos três livros e pediu-lhe que se encarregasse da publicação, tarefa a que Marie se dedicou nos anos seguintes, prefaciando o texto e identificando minuciosamente as citações. A ela e a Pierre de Brach se deveu a primeira edição póstuma dos *Essais*, publicada em Paris em 1595; foi ainda Marie de Gournay que organizou a edição de 1635.

Montaigne morreu a 13 de setembro de 1592, durante a celebração da missa, no castelo de Montaigne. Os seus últimos quatro anos de vida foram dedicados à leitura (ou releitura) de obras filosófi-

cas e históricas (Aristóteles, Cícero, Justo Lípsio, Santo Agostinho, Séneca, Heródoto, Tácito, Tito Lívio e Xenofonte, entre outros) e à preparação de uma nova edição dos *Essais* com numerosos aditamentos, muitos deles versando sobre os seus gostos, as suas preocupações e o seu quotidiano.

Montaigne fala de si e do humano através de si. Com o passar dos anos, os *Essais* adquiriram no espírito do autor a dimensão de uma obra «total», aberta à infinita diversidade do ser e do mundo, e a que só a morte poria termo. Desde 1572 até ao fim dos seus dias, o fidalgo gascão foi compondo a sua obra ensaística como uma indagação permanente, alimentada pela leitura de outros livros e acrescentada nas sucessivas edições de centenas de notas e comentários. Um tal projeto implicava uma nova maneira de viver a escrita, que a transformava, por sua vez, numa maneira de viver.

Como a crítica tem salientado, escrita e leitura condicionam-se mutuamente nos *Essais*: se o convívio com os autores antigos foi o primeiro pretexto da escrita em Montaigne, também a releitura do seu texto, de 1580 em diante, o levou a redigir novos fragmentos, em diálogo com o eu de outrora. Assim foi crescendo a obra, em contínuo devir, transformando-se à semelhança do próprio autor que a escrevia, corrigia e acrescentava. Depois das edições organizadas por F. Strowski e Pierre Villey em começos do século xx, conformes ao exemplar dito de Bor-

déus³⁷, quase todas as edições eruditas e correntes dos *Essais* assinalam com as letras a), b) e c), ou com os sinais /, // e ///, as três camadas sucessivas do texto, nomeadamente a da edição *princeps* de 1580, a da edição de Paris de 1588 (em três livros) e a da edição póstuma de 1595.

Esta estratificação do texto torna ainda mais singular o trabalho de composição dos *Essais*, que deve ser considerado (e fruído) nos seus vários aspetos: a escolha da língua, a construção da frase, a estrutura dos capítulos e a arquitetura da obra. Montaigne escreve em francês, e na língua materna encontra o seu tom próprio, uma expressão direta e coloquial, cerrada em certas páginas, noutras elevando-se a formulações de surpreendente fulgurância literária. O latim é reservado para as numerosas citações inscritas no texto. O estilo discursivo de Montaigne resulta, em parte, desse entrelaçar de citações, ornamentos e referências cultas na própria escrita; um exemplo ou frase lapidar tanto podem ser convocados no propósito de circunscrever uma ideia, como recontextualizados em função da argumentação do momento, que modifica os seus sentidos iniciais. Fausta Garavini analisou em filigrana, de um ponto de vista estilístico e estrutural, aquilo que designou como a «fórmula» de Montaigne: os jogos de escrita implicados nos *Essais*, a procura duma expressão concisa e lapidar, o papel das citações e sentenças, o alinhamento de binómios e antíteses, o efeito da *annominatio* ou paronomásia (a figura que consiste

37 O exemplar da edição de 1588 dos *Essais*, publicada por Abel L'Angelier, abundantemente anotado por Montaigne.

em empregar, numa frase, duas palavras parcialmente coincidentes no plano fónico, mas diferentes no sentido), enfim, toda uma dialética ao nível do léxico e da sintaxe que traduz o modo interrogativo da filosofia do autor.

O discurso exploratório dos *Essais* recobre uma infinidade de temas, como a guerra, as questões políticas, a religião, os costumes, o casamento, a educação das crianças, a imaginação, a mentira, a tristeza, o medo, a amizade, a solidão, os canibais, a desigualdade entre os homens, os cheiros, a idade, a inconstância, os livros, a crueldade, a glória, a liberdade de consciência, a cólera, o arrependimento, a vaidade, as viagens, a experiência, o envelhecimento, a doença e a morte. Esses temas são glosados em capítulos de diferente extensão (mais breves no início da obra, mais longos e pessoais no Livro III), cujos títulos nem sempre coincidem com a respetiva matéria. O próprio autor o admite quando reflete sobre a não linearidade da sua escrita:

«Les noms de mes chapitres n'en embrassent pas tousjours la matiere: souvent ils la denotent seulement, par quelque marque [...]. J'ayme l'alleure poetique, à sauts et à gambades.»³⁸

38 *E*, III, IX, 1040. «Os nomes dos meus capítulos nem sempre abrangem a sua matéria; frequentes vezes apenas a denotam por alguma particularidade marcante [...]. Apraz-me a maneira de avançar da poesia, aos saltos e aos pinotes.» (Trad. Rui Bertrand Romão.)

Enquanto alguns ensaios tratam de um assunto bem delimitado, outros progridem de forma sinuosa (cf. «Sur des vers de Virgile», «De la vanité», «De l'expérience»), numa rapsódia de temas ao sabor da meditação, das inflexões do pensamento, das associações de ideias e também duma expressão viva e espontânea, que cultiva e leva por vezes ao extremo a forma digressiva. A famosa *nonchalance* da escrita de Montaigne consiste nisso mesmo; levada pelo «princípio de prazer», essa escrita, como diz Eduardo Lourenço, tem por verdadeiro tema «o ato, entre todos injustificável e misterioso, de escrever, o mais intransitivo e fantasmático dos nossos atos»³⁹.

A sequência de capítulos que se oferece à leitura nos *Essais* não corresponde em rigor à ordem cronológica da respetiva redação. No entanto, em cada texto surgem referências pessoais, históricas, literárias ou filosóficas que ajudam a situá-lo no processo de elaboração do livro. Com base numa sólida investigação e na datação de certas leituras, Pierre Villey apresentou na sua já citada obra de 1908 uma proposta de arrumação dos ensaios em três conjuntos distintos, respeitantes a fases sucessivas do pensamento de Montaigne: *grosso modo*, uma fase estoica de juventude, uma fase cética a partir de meados dos anos 70 e uma fase de maturidade que corresponderia à redação do

39 Eduardo Lourenço, «Montaigne ou la vie écrite», in Eduardo Lourenço e Pierre Botineau, *Montaigne 1533-1592*, Bordéus, L'Escampette, 1992, p. 30 (rep. em *Heterodoxias*, p. 471).

Livro III e dos acrescentos à margem do exemplar de Bordéus.

Para defender a sua tese (sempre muito discutida, e confrontada com a evidência de que toda a escrita montaniana é atravessada pela suspeita em relação a qualquer dogmatismo), Pierre Villey dá grande importância à «crise céptica» que Montaigne teria experimentado por volta de 1576, quando descobriu a filosofia de Pirro, o primeiro dos cépticos gregos, através da leitura das *Hipotiposes Pirrónicas* de Sexto Empírico. De facto, essa leitura veio exacerbar a sua consciência da incapacidade humana para apreender e definir qualquer verdade dentro da diversidade contraditória do mundo. E foi nessa altura que Montaigne redigiu a «Apolo-gie de Raimond Sebond», o mais longo capítulo dos *Essais* e um dos mais comentados. A «Apolo-gie» tem como ponto de partida a reflexão sobre o livro de Raimundo de Sabunde que Montaigne traduzira em 1568 a pedido do pai, mas está longe de ser a defesa da teologia natural que o autor catalão tinha edificado a partir do estudo das criaturas de Deus. Aliás, as divergências entre a tradução francesa da *Theologia Naturalis* e o texto original de Sabunde deixavam já claro o distanciamento crítico de Montaigne em relação à obra. Na «Apolo-gie» o filósofo questiona os limites da razão humana e faz uma crítica sistemática do *cuidar*, ou seja, da pretensão de chegar «por argumentos e discursos» a qualquer certeza. A primeira parte do ensaio, muito baseada em exemplos extraídos de Plutarco e outros autores, situa o homem a par das outras criaturas, refutando a ideia da sua supremacia no seio da criação. Os animais supe-

ram a espécie humana em capacidades naturais de adaptação; além disso, são dotados de sentimentos morais como a amizade, da mesma forma que os humanos são capazes dos vícios mais irracionais. Depois, o ensaio passa à discussão do ceticismo da Academia, tal como é exposto por Cícero; e daí à definição de uma forma mais radical de ceticismo («plus hardi» é a expressão usada por Montaigne), o pirronismo, que se funda na dúvida permanente, na recusa de qualquer assentimento e na suspensão do juízo (*epoché* em grego, significando «paragem», «interrupção»). A toda a verdade relativa pode ser oposta uma outra verdade totalmente contraditória, e por isso o ceticismo pirrónico se abstém de formular qualquer juízo, única forma de alcançar a tranquilidade do espírito ou ataraxia. «Ils se servent de leur raison», escreve o autor dos *Essais*, «pour enquerir et pour débattre: mais non pas pour arrester et choisir»⁴⁰. É impossível dar aqui a complexidade dum ensaio tão extenso como a «Apologie de Raimond Sebond», com todos os seus desenvolvimentos (nomeadamente o da impossibilidade de conhecimento de Deus) e fases de redação, pelo que remetemos o leitor para os comentários especializados. A todos os títulos central na obra, a «Apologie» é o culminar duma reflexão sobre a atitude «enquestante, non resolutive» que vinha já de textos anteriores e que em definitivo se tornaria o método do exercício ensaístico de Montaigne.

40 *E*, II, XII, 532. «Servem-se da razão para inquirir e debater, não para decidir e escolher.»

«C'est icy un livre de bonne foy, Lecteur»⁴¹, anuncia o autor na advertência preambular dos *Essais*. O contrato de leitura que Montaigne propõe nessa breve apresentação do seu livro enfatiza a questão do «natural» (ou da sinceridade) do autorretrato:

«Si c'eust esté pour rechercher la faveur du monde, je me fusse paré de beutez empruntées. Je veus qu'on m'y voye en ma façon simple, naturelle et ordinaire, sans estude et artifice: car c'est moy que je peins.»⁴²

Estas palavras trazem-nos ao espírito os grandes retratistas do Renascimento, que fixaram na tela figuras importantes, maximizando-as por meio de um conjunto de ornamentos simbólicos (roupas sumptuosas, pérolas, pedras preciosas, outros elementos decorativos). Ao mesmo tempo que captavam um instante da vida humana, esses retratos procuravam dar, no seu melhor, a imagem dum ser, de modo que ela perdurasse para lá da decadência e da morte. Montaigne, pelo contrário, garante ao leitor que não pretende engrandecer a sua imagem nem esconder os seus defeitos. Mas essa garantia — que, aliás, relativiza, quando diz que de bom grado se pintaria «tout

41 *E*, «Au lecteur», 27. «Este é um livro de boa fé, Leitor.»

42 *Ibid.* «Se pretendesse obter o favor do mundo, ter-me-ia enfeitado de perfeições emprestadas. Quero que me vejam no meu modo simples, natural e habitual, sem pose nem artifício: porque é a mim mesmo que pinto.»

entier, et tout nud»⁴³, se as leis da sociedade o permitissem — mais não é do que a expressão da sua consciência dos problemas e limites da escrita autobiográfica. O autor dos *Essais* está ciente das contradições que o seu projeto envolve, e em particular daquilo que Ilaria Gaspari chama «o curto-circuito da sinceridade»⁴⁴ no autorretrato. Rousseau, no preâmbulo das *Confessions* segundo o manuscrito de Neuchâtel (preâmbulo suprimido na versão definitiva da obra), chega a acusar Montaigne de hipocrisia e omissão:

«Je mets Montaigne à la tête de ces faux sincères qui veulent tromper en disant vrai. Il se montre avec des défauts, mais il ne s'en donne que d'aimables; il n'y a point d'homme qui n'en ait d'odieux. Montaigne se peint ressemblant mais de profil. Qui sait si quelque balafre à la joue ou un oeil crevé du côté qu'il nous a caché, n'eût pas totalement changé sa physionomie.»⁴⁵

43 *Ibid.* «Inteiro, e nu.»

44 Ilaria Gaspari, «Le moi haïssable: Pascal, Rousseau et 'l'étrangement autobiographique' de Montaigne», in *Essais. Revue Interdisciplinaire d'Humanités*, Bordéus, nº hors série, 2013, p. 42.

45 Jean-Jacques Rousseau, *Œuvres complètes*, ed. de Bernard Gagnebin e Marcel Raymond, Paris, Bibliothèque de la Pléiade, t. I, 1959, p. 1149. «Ponho Montaigne à cabeça desses falsos sinceros que querem enganar dizendo a verdade. Mostra-se com os seus defeitos, mas só os amenos; não há nenhum homem que não os tenha odiosos. Montaigne pinta-se parecido mas de perfil. Quem sabe se alguma cicatriz na face ou um olho vazado do lado que nos escondeu não teriam modificado completamente a sua fisionomia.»

Talvez a sanha de Rousseau contra o autor dos *Essais* se explique, ao menos em parte, pelo desejo de vincar a originalidade do seu próprio livro («qui n'eut jamais d'exemple», como assevera) e de afastar a sombra dum precursor. Ainda que despropositada e injusta, a sua crítica obriga-nos no entanto a reparar na parte de «insinceridade» ou de construção que há no autorretrato montaniano. Tanto mais que Montaigne termina a advertência liminar com uma última pirueta narcísica: depois de deixar claro que é ele mesmo a «matéria do seu livro», despede-se do leitor convidando-o a não perder tempo com tão frívola leitura. Neste modo autodepreciativo, a *captatio benevolentiae* não podia ter mais paradoxal (e eficaz) remate: «À Dieu donq. De Montaigne, ce premier de Mars mille cinq cens quatre vingts.»⁴⁶

A figuração do eu nos *Essais* implica várias estratégias expressivas, a primeira das quais é a ideação duma «pintura escrita», com o recurso a metáforas das artes visuais e a utilização frequente do verbo *peindre* para referir o gesto descritivo. Aos vinte e seis anos, Montaigne vira na corte o autorretrato de René d'Anjou e interrogara-se sobre a possibilidade de se «pintar com a pena», como René se tinha retratado com o lápis:

«Je vis un jour à Barleduc, qu'on presentoit au Roy François second, pour la recommandation de la memoire de René Roy de

46 E, «Au lecteur», 27. «Adeus, então. De Montaigne, neste primeiro de março de 1580.»

Sicile, un pourtraict qu'il avoit luy-mesmes fait de soy. Pourquoi n'est-il loisible de mesme à chacun, de se peindre de la plume, comme il se peignoit d'un creon?»⁴⁷

Mas o seu autorretrato literário afasta-se dum modelo de representação de si socialmente aceite e explicita a consciência duma identidade descontínua e sempre em movimento. Ilaria Gaspari propõe uma leitura desse «*estranagement* autobiográfico», ou modo de observação «desestruturante» do eu, que Montaigne leva a cabo nos *Essais*, mostrando como o procedimento *estrangeant* se oferece ao leitor como categoria de fruição na advertência inicial e se revela como critério de composição ao longo da obra. Fascinado com o enigma do seu ser, Montaigne faz de cada ensaio uma nova experiência de autorretrato. E escolhe diferentes maneiras de se pintar: o plano geral e o de pormenor; o exame presente e a retrospeção; o humor e a ironia, a par de um sentido atormentado da existência; a autocrítica e a confissão de defeitos e inaptidões; a autoderisão, como momentânea anulação da *vanitas* narcísica («Ce sont icy, un peu plus civilement, des excremens d'un vieil esprit: dur tantost, tantost lasche: et tousjours indigeste. Et quand seray-je à bout de représenter une continuelle agitation

47 E, II, xvii, 692-693. «Vi um dia em Bar-le-Duc, quando o apresentavam ao rei Francisco II, para a oração em memória do rei Renato da Sicília, um retrato que ele tinha feito de si próprio. Por que razão não é lícito que, da mesma forma, cada um se pinte com a pena, como ele se pintava com o lápis?»

et mutation de mes pensées, en quelque matiere qu'elles tombent, puisque Diomedes remplit six mille livres du seul subject de la grammaire?»⁴⁸). E, sempre, a presença autoral e a reflexividade que acompanham o intento de autorrepresentação; bem como a projeção dada à vida interior (leituras, fantasias, reflexões), enquanto matéria primeira do autorretrato. Retomando os conceitos de «maneira» e maneirismo que já Michel Butor convocara no seu livro *Essais sur les Essais*⁴⁹, e discutidos noutros estudos sobre a obra⁵⁰, Rui Bertrand Romão argumenta em defesa duma *representação de si maneirista* em Montaigne⁵¹ — uma figuração do eu que implica o dinamismo, a interpretação individual e o questionamento da própria instância representativa.

48 *E*, III, IX, 989-990. «Eis aqui, um pouco mais decorosamente, os excrementos de um velho espírito, ora retraído, ora solto, mas sempre de má digestão. E como poderei chegar ao fim de apresentar a contínua agitação e mutação dos meus pensamentos, seja qual for a matéria sobre que incidam, já que Diómedes encheu seis mil livros apenas com o assunto da gramática?» (Trad. Rui Bertrand Romão.)

49 Michel Butor, *Essais sur les Essais*, Paris, Gallimard, 1968. Montaigne concebeu inicialmente o seu livro como um monumento a La Boétie: no centro ficaria o *Discours de la servitude volontaire*, enquadrado pelos seus próprios escritos, semelhantes aos «grotescos» ou «peintures fantasques» das artes decorativas. Os ensaios seriam a «grinalda» maneirista em torno do *Discours*.

50 Cf. Géralde Nakam, *Montaigne, la matière et la manière*, Paris, Klincksieck, 1991.

51 Rui Bertrand Romão, *op. cit.* (cap. «Montaigne e a representação de si maneirista»).

Inspirando-se no autorretrato pictórico, Montaigne constrói o seu autorretrato em sucessivos «cortes» ou imagens que revelam as suas flutuações e contradições — o mosaico de *eus* que compõe, afinal, o todo monolítico da sua figura. A sua maneira, a possibilidade de pintar a sua personalidade pro-teiforme e fugidia, é pintar-se em movimento:

«Je ne peinds pas l'estre, je peinds le passage: non un passage d'aage en autre, ou comme dict le peuple, de sept en sept ans, mais de jour en jour, de minute en minute. Il faut accommoder mon histoire à l'heure.»⁵²

Nos últimos capítulos do Livro III, o ensaísta é já um homem envelhecido, desgostado pela doença, que não esconde as suas manias e caturrices, lamenta a diminuição da memória ou a queda dum dente, descreve as suas crises de litíase, mas mesmo assim continua a observar («J'étudie tout»⁵³), a perscrutar-se e a celebrar a vida («Pour moy donc, j'ayme la vie, et la cultive, telle qu'il a pleu à Dieu nous l'octroyer»⁵⁴). Assim inscreve o trabalho do tempo no seu livro, na tensão entre a dinâmica narrativa da autobiografia e o modo descritivo do autorretrato. Cristina Almeida Ribeiro analisa essa

52 *E*, III, II, 845. «Não pinto o ser, pinto a passagem: não a passagem de uma idade a outra, ou, como diz o povo, de sete em sete anos, mas sim de dia para dia, de minuto a minuto. É preciso ajustar a minha história ao momento.»

53 *E*, III, XIII, 1023. «Estudo tudo.»

54 *Ibid.*, 1163. «Por mim, amo a vida, e cultivo-a tal como aprouve a Deus conceder-no-la.»

tensão num artigo intitulado «Montaigne, entre o auto-retrato e a autobiografia»⁵⁵, questionando a pertença dos *Essais* a um género do qual Philippe Lejeune os excluía por se afastarem do paradigma narrativo. A autora mostra que Montaigne, de facto, recusa a narratividade da autobiografia, ao optar por um modelo descontínuo e descritivo de representação de si; mas a sequência de imagens que compõe o seu autorretrato acaba por criar uma dinâmica cronológica: «[D]e retrato em retrato», escreve Cristina Almeida Ribeiro, «desenha-se uma temporalidade; de momento em momento, de fragmento em fragmento, reconstitui-se um percurso interior»⁵⁶. E assim, no limite, se poderia dizer que o autorretrato tende para a autobiografia.

Numa espécie de *mise en abyme*, Montaigne não deixa de inscrever nos *Essais* a referência ao lugar da própria escrita: a célebre torre redonda, descrita no Livro III (cap. III) como um espaço de recolhimento e sossego, que o senhor da casa tenta a todo o custo «soustraire [...] à la communauté et conjugale, et filiale, et civile»⁵⁷. Os muros da torre preservam a liberdade da vida íntima, o prazer da leitura e da meditação, longe das «épines domestiques», das preocupações práticas do quotidiano e dos reveses sangrentos dum mundo dilacerado pelos fanatismos e pelas guerras civis. A raiz latina

55 Cristina Almeida Ribeiro, «Montaigne, entre o auto-retrato e a autobiografia», in *Românica*, 3, Lisboa, 1994, pp. 41-50.

56 Id., *ibid.*, p. 49.

57 *E*, III, III, 870. «Substrair [...] à comunidade conjugal, filial e civil.» (Trad. Rui Bertrand Romão.)

de «íntimo» (um superlativo formado a partir do advérbio *intus*) remete para «o que está dentro», «mais fundo», «recôndito», «secreto», e o termo tanto pode qualificar a relação estreita entre dois seres, como a relação entre um ser e o seu meio próximo, ou a relação de si a si. É evidente a ligação entre estes dois últimos sentidos de «intimismo» nas páginas que Montaigne dedica à torre da biblioteca — o lugar de eleição onde o eu se isola e se reencontra, na companhia dos livros e das suas reflexões. Assim descrita, a imagem da torre assemelha-se à da «torre de marfim», que Sainte-Beuve utilizaria muito mais tarde para designar o modo poético de Vigny. Mas não se identifica inteiramente com ela, porque a torre de Montaigne é duplamente o lugar dum olhar *para dentro* e dum olhar *para fora*:

«Chez moy, je me destourne un peu plus souvent à ma librairie, d'où, tout d'une main, je comande mon mesnage: Je suis sur l'entrée, et vois soubs moy, mon jardin, ma basse cour, ma cour, et dans la plus part des membres de ma maison. Là je feuillette à cette heure un livre, à cette heure un autre, sans ordre et sans dessein, à pieces descousues: Tantost je resve, tantost j'enregistre et dicte, en me promenant, mes songes que voicy.»⁵⁸

58 *E*, III, III, 869-870. «Em minha casa, retiro-me um pouco mais assiduamente para os meus livros, que estão numa biblioteca de onde comodamente dirijo as minhas propriedades. Aí me acho em cima da entrada e vejo em baixo o meu jardim, o meu pátio

Não é só o andamento da propriedade que o autor observa da sua janela, tão estrategicamente situada; é também o andamento do mundo que o seu espírito sempre alerta considera. Montaigne descreve os três pisos que compõem o seu refúgio, o arranjo de cada divisão, as comodidades, a disposição dos livros no espaço redondo da biblioteca, e o modo como se detém nesses pormenores não podia ser mais eloquente a respeito da homologia que no seu espírito se tece entre um espaço íntimo e a íntima pesquisa. É na torre que diz passar a maior parte dos seus dias, exceto no inverno, por ser muito exposta ao vento. A uma sábia distância do quotidiano doméstico à sua volta, o eu recentra-se num espaço físico que é só dele para se entregar à procura compreensiva de si mesmo.

«Chaque homme porte la forme entiere de l'humaine condition»⁵⁹, escreve Montaigne numa das suas mais belas formulações. Nesse espelho da «humana condição» que é o seu autorretrato, vai dando forma às suas ideias sobre o mundo, os seres e a própria escrita, numa mistura de temas e de estilos que chega a comparar a uma «fricassée». As emoções e os afetos, por exemplo, são finamente analisados: a tristeza, que os estoicos proíbem aos seus sábios (Livro I, cap. II); a constância, a partir

principal, o meu pátio da zona de serviço e a maioria das partes da minha casa. Lá, folheio ora um livro ora um outro, um pedaço aqui, outro acolá, sem ordem nem plano de leitura; ora divago, ora anoto e dito, enquanto ando de um lado para o outro, os devaneios que eis aqui.» (Trad. Rui Bertrand Romão.)

59 *E*, III, II, 845. «Cada homem traz em si a forma inteira da humana condição.»

dos ensinamentos de Séneca (Livro I, cap. XII); o medo, essa «estranha paixão» capaz de levar ao desvario (Livro I, cap. XVIII); o arrependimento, ferida de alma semelhante a uma «úlceras na carne» (Livro III, cap. II). E também os movimentos anímicos: a força da imaginação e os seus efeitos sobre o corpo, que Montaigne exemplifica com a muito explícita referência à «indocile liberté de ce membre, s'ingerant si importunément lors que nous n'en avons que faire, et defaillant si importunément lors que nous en avons le plus affaire»⁶⁰; o desejo de solidão, condição necessária à conquista da liberdade interior («la plus grande chose du monde c'est de sçavoir estre à soy»⁶¹, ainda segundo a lição das *Cartas a Lucílio*); a assombração da morte, tão presente nos últimos capítulos dos *Essais* como nos primeiros (cf. «Que philosopher, c'est apprendre à mourir», Livro I, e «De l'exercitation», Livro II).

A diversidade das coisas da natureza prende igualmente a atenção do ensaísta: por exemplo, no capítulo «De la ressemblance des enfans aux peres» (Livro II, cap. XXXVII) observa a força da hereditariedade, pasmando com semelhanças que lhe parecem incríveis, como o facto de sofrer de litíase como o pai (que, diz ele, estava ainda longe de a ter na altura em que o gerou), ou o desprezo que herdou

60 *E*, I, xx, 104. «A liberdade rebelde desse membro, que se intromete tão importunamente quando não é necessário, e desfalece tão importunamente quando mais é preciso.»

61 *E*, I, XXXVIII, 246. «A coisa mais importante no mundo é saber ser senhor de si.»

dos antepassados pela medicina e pelos médicos. A respeito da medicina, de resto, Montaigne escreve verdadeiras diatribes, quer neste capítulo, quer em «De l'expérience» (Livro III), quer ainda no *Journal de voyage*. O descrédito em que põe a arte médica, com o seu receituário muito pouco científico, e os próprios médicos, que acusa de estarem mais preocupados com a sua reputação e proveito do que com o interesse dos doentes, traduz bem a vivacidade dum espírito esclarecido que reivindica, em todos os domínios, o direito ao inconformismo e ao livre exame. Mas é também uma forma de exorcizar, pela via oblíqua da ironia, os medos e as angústias que Montaigne experimenta na pele de doente; e uma queixa face à atitude daqueles a quem o sofrimento e as misérias humanas não deveriam ser indiferentes.

As instituições e questões sociais são também objeto de discussão: no capítulo v do Livro III («Sur des vers de Virgile»), por exemplo, o autor discorre sobre o casamento, em sintonia com as concepções da época e fazendo o balanço da sua própria união com Françoise de la Chassaingne. Para ele, o casamento nada tem a ver com o desejo dos sentidos; é uma instituição que recusa as «condições do amor» e procura «representar as da amizade». Os seus fundamentos mais sólidos são a utilidade e a honra: «Le mariage a pour sa part, l'utilité, la justice, l'honneur et la constance: un plaisir plat, mais plus universel.»⁶² A propósito dos «deveres da amizade conjugal», escreve noutro capítulo do

62 E, III, v, 896. «O quinhão do casamento é a utilidade, a justiça, a honra e a constância: um prazer frouxo, mas mais universal.»

mesmo livro: «[...] c'est une intelligence, qui se refroidit volontiers par une trop continuelle assistance, et que l'assiduité blesse.»⁶³ Sempre de acordo com a sua «fórmula», vai entretecendo considerações pessoais, exemplos e citações de autores antigos, disserta sobre a conduta das mulheres casadas, sobre a psicologia feminina e, com graça e malícia, sobre os caprichos e fantasias do erotismo.

No ensaio «De l'institution des enfans» (Livro I, cap. XXVI), Montaigne desenha um programa pedagógico sobretudo focado no desenvolvimento da inteligência e do discernimento próprio. O autor aponta dois tipos de experiências que concorrem para esse desenvolvimento: por um lado, a assimilação dos ensinamentos contidos nas obras sábias e filosóficas, sempre dentro dum espírito crítico; por outro, o contacto com os homens, por meio da vida social, da leitura das biografias dos antigos e até das viagens por terras diferentes. Mais do que obrigar a criança a longos estudos, o importante é despertar nela a curiosidade e o juízo crítico. É esse o papel dum bom educador: ensiná-la a pensar e a resolver as questões por si própria, sem se submeter aos argumentos de autoridade. E Montaigne resume numa pitoresca imagem o modelo de aprendizagem criativa que idealiza:

«Les abeilles pillotent deçà delà les fleurs,
mais elles en font après le miel, qui est

63 *E*, III, IX, 1020. «Trata-se [...] de uma relação que amiúde arrefece por causa de uma presença demasiado contínua e que é prejudicada pela assiduidade.» (Trad. Rui Bertrand Romão.)

tout leur; ce n'est plus thin, ny marjolaine:
Ainsi les pieces empruntées d'autruy, il les
transformera et confondra, pour en faire un
ouvrage tout sien.»⁶⁴

A questão religiosa em Montaigne tem sido muito debatida e tem originado interpretações radicalmente diversas, desde as que veem nele um católico sincero até às que o consideram um descrente, ou um cético para quem a religião seria uma forma superior de incerteza, sem esquecer as que sublinham a sua tolerância em relação ao espírito reformista. Apesar de ter sido educado na crença católica, cujas práticas respeitou ao longo de toda a vida, e de se mostrar conservador nos *Essais*, declarando a sua submissão à autoridade eclesiástica⁶⁵ e tomando partido por aqueles que, numa França dividida pelas guerras civis, mantêm «et la religion et la police ancienne du pays»⁶⁶, Montaigne critica, em vários passos da sua obra, os dogmatismos religiosos e as lutas fratricidas entre católicos e protestantes. Os argumentos de cada uma das facções em confronto tocaram fundo o seu espírito e levaram-no a suspeitar de qualquer certeza. Por outro lado, soube compreender que cada crença individual era, em parte, determinada

64 *E*, I, xxv, 157. «As abelhas colhem o néctar das flores, mas fabricam depois o mel, que é obra delas; já não é tomilho nem manjerona. Da mesma forma, [a criança] irá transformar e combinar as obras alheias, para fazer uma obra inteiramente sua.»

65 *E*, I, lvi, 335.

66 *E*, II, xix, 706. «A religião e a ordem política tradicionais.» (Trad. Rui Bertrand Romão.)

pela sua circunstância (a ancestralidade e a geografia): «Nous sommes Chrestiens à mesme tiltre que nous sommes ou Perigordins ou Alemans.»⁶⁷ Como adiante veremos, nas etapas alemãs e suíças da sua viagem de 1580-1581 conversou com teólogos reformistas e interessou-se vivamente pelas práticas religiosas de cada região. Já em Roma, foi confrontado com as críticas dos censores a certas passagens dos *Essais*, críticas de que dá conta no seu *Journal de voyage*. As convicções íntimas de Montaigne parecem não corresponder inteiramente às suas mostras de devoção: impregnadas de ceticismo, vão no sentido de questionar as diversas representações de Deus (o Deus antropomórfico das mitologias antigas, as definições de Deus no pensamento filosófico, as representações religiosas correntes) e de reconhecer a distância gnoseológica que separa o homem do divino. Como escreve na «Apologie de Raimond Sebond», Deus é um poder cuja compreensão é vedada ao homem (pois a fé não é um conhecimento), pelo que é vã toda a especulação sobre a sua natureza.

Em pleno século da expansão, Montaigne redige um ensaio sobre «Os canibais» (Livro I, cap. xxxi), no qual confronta diferentes perspetivas de «barbárie» e estigmatiza o etnocentrismo europeu. Começando por referir o exemplo do rei Pirro, que à vista do exército romano teve de reconhecer que a nação invadida nada tinha de «bárbaro» («car les Grecs appelloyent ainsi toutes les nations estran-

67 E, II, XII, 466. «Somos cristãos como somos do Périgord ou alemãs.»

geres»⁶⁸), o autor põe em confronto o olhar dos povos «civilizados» sobre o Novo Mundo acabado de descobrir e o olhar dos «bárbaros» em relação aos europeus. E defende que «ces nations-là» (os índios do Brasil) têm virtudes que não ficam atrás da excelência da idade de ouro pintada pelos poetas ou da República concebida por Platão. Porque são simples e sem artifícios, e vivem de acordo com as leis naturais, ao contrário dos povos europeus, que degradaram a obra perfeita da natureza. Montaigne compara os primeiros aos frutos selvagens, e os segundos aos frutos cultivados. As suas considerações apoiam-se no testemunho dum homem que durante anos teve ao seu serviço e que vivera no Brasil, e no relato de alguns marinheiros e mercadores que graças a ele conhecera; recorda também as impressões que lhe ficaram do encontro que em Rouen tivera com três «selvagens». E descreve o modo de vida dos índios, que dormem em camas suspensas, fazem uma única refeição ao acordar, não usam roupas, caçam com o arco, não cultivam a terra, praticam a poligamia e desconhecem palavras como mentira, traição, dissimulação, avareza ou inveja. Não nega a antropofagia e descreve as cerimónias rituais, mas mostra como os portugueses são ainda mais cruéis com os seus prisioneiros. E aponta o relativismo da noção de barbárie:

«Or je trouve, pour revenir à mon propos, qu'il n'y a rien de barbare et de sauvage

68 *E*, I, xxx, 208. «Pois os gregos assim chamavam a todas as nações estrangeiras.» (Trad. Rui Bertrand Romão.)

en cette nation, à ce qu'on m'en a rapporté: sinon que chacun appelle barbarie, ce qui n'est pas de son usage. Comme de vray nous n'avons autre mire de la vérité, et de la raison, que l'exemple et idée des opinions et usances du país où nous sommes.»⁶⁹

De resto, é a barbárie dentro dum mesmo coletivo que Montaigne em última instância critica: as guerras de religião não serão tão ou mais bárbaras do que os costumes dos índios?

Montaigne não deixa nunca de nos surpreender com a variedade dos seus *essais* — tanto o vemos teorizar sobre os nomes («le nom, ce n'est pas une partie de la chose, ny de la substance: c'est une piece estrangere jointe à la chose, et hors d'elle»⁷⁰), como analisar factos de comportamento e de consciência, como refletir sobre a contínua mudança da vida e do mundo. É assim a sua procura de conhecimento, que o conduz por diferentes caminhos e se mede com a dificuldade de encontrar respostas:

«Il n'est desir plus naturel que le desir de cognoissance. Nous essayons tous les moyens

69 *Ibid.*, 211. «Ora bem, para voltarmos ao meu tema, acho que, a avaliar pelo que me contaram a seu respeito, nada há de bárbaro ou de selvagem naquele povo; só que cada um chama bárbaro ao que não está de acordo com os seus hábitos; e, na verdade, parece que não temos outro critério de verdade e de razão que o exemplo e o ideal das opiniões e usos do país onde estamos.» (Trad. Rui Bertrand Romão.)

70 *E*, II, XVI, 655. «O nome não é uma parte da coisa, nem da substância: é uma parte estranha unida à coisa, mas fora dela.»

qui nous y peuvent mener. Quand la raison nous faut, nous y employons l'expérience. [...] Qui est un moyen de beaucoup plus foible et plus vil. Mais la verité est chose si grande, que nous ne devons desdaigner aucune entremise qui nous y conduise.»⁷¹

O que caracteriza a visão de Montaigne é o reconhecimento de que a reflexão é um esforço sempre recomeçado: nunca alcançaremos a verdade, devemos aceitar a ignorância como termo da procura, todo o sentido está no próprio movimento da procura (a tentativa, o exercício, o ensaio). Os estudos críticos das últimas décadas desmontam sistematicamente uma certa tradição de leitura dos *Essais* como manual de máximas morais ou «breviário laico»⁷², para insistir na ideia duma obra inquietante, lacerada e atravessada de interrogações.

Como todos os diários, o *Journal de voyage* de Montaigne (intitulado na edição de 1774 *Journal*

71 *E*, III, XIII, 1111. «Não há desejo mais natural do que o desejo de conhecimento. Experimentamos todos os meios que a ele nos possam conduzir. Quando a razão falha, recorreremos à experiência. [...] Que é um meio muito mais fraco e menos nobre. Mas é coisa tão grande a verdade, que não devemos menosprezar nenhum dos meios de a alcançar.»

72 A expressão é de Emanuele Ronchetti, no artigo «L'esercizio e gli *Essais*. La retorica filosofica di Montaigne», in *Enthymema*, n.º 6, 2012.

du voyage de Michel de Montaigne en Italie par la Suisse & l'Allemagne en 1580 & 1581) é um texto cuja composição obedece à sequência dos dias: intercala a vivência dos acontecimentos e a sua anotação, na forma cumulativa de fragmentos datados e com indicação de lugar. Sendo um diário de viagem, os seus limites são fixados pelo tempo da jornada — partida e regresso a França — e a narrativa é estruturada em função do calendário e das etapas percorridas, com a nomeação das localidades de chegada (em letras maiúsculas e início de parágrafo) e o registo das léguas andadas.

O que não é usual no género é a situação de enunciação que configura a primeira parte da obra, redigida por um criado ou «secretário» cujo nome se ignora. Tendo dispensado em Roma «celui de mes gens qui conduisoit cette belle besogne»⁷³, e vendo-a tão avançada, Montaigne decide a partir daí tomar a pena e continuar a narrativa, apesar dos incómodos que a tarefa lhe possa trazer. O facto de o secretário usar no seu relato os pronomes «nós» e «ele» (às vezes «eles»), para se referir ao grupo ou ao amo (e aos outros fidalgos), e de Montaigne escrever a segunda parte do diário na primeira pessoa gramatical cria, nas palavras de François Rigolot, «un curieux brouillage de l'énonciation»⁷⁴. Julgou-se durante muito tempo

73 Montaigne, *Journal de voyage*, Paris, Gallimard, 2013, p. 208. «Um dos meus criados, que tinha a seu cargo esta bela tarefa.»

74 François Rigolot, «La situation énonciative dans le *Journal de voyage* de Montaigne», in *Poétique et narration. Mélanges offerts à Guy Demerson*, Paris, Honoré Champion, 1993, p. 473.

que a primeira parte do texto teria sido ditada por Montaigne, não só por certos traços de estilo, como pela inteligência crítica que evidencia. O desaparecimento das folhas iniciais do manuscrito — aparentemente destruídas, segundo Meunier de Querlon — só adensa o enigma das circunstâncias que envolvem o começo da redação do relato de viagem. No entanto, a leitura atenta do *Journal* leva-nos a concluir que a voz do secretário não deve ser secundarizada e a reparar na autonomia de algumas das suas observações. Fausta Garavini detém-se no prefácio à edição Gallimard do *Journal de voyage* sobre a importância dessa voz, que a tradição crítica quase anulou em função da figura central do «autor» do diário. Garavini esboça a imagem do secretário — que tinha também a seu cargo as questões práticas da viagem (alojamento, bagagens, etc.) — a partir das perspectivas que se cruzam no seu relato: um companheiro de viagem solícito para com Montaigne, preocupado com o seu conforto, observador privilegiado e atento, testemunha do dia a dia do escritor, que reproduz as suas palavras e impressões, acrescentando algum comentário da sua própria lavra.

Sabemos por Meunier de Querlon e por Leydet (colaborador do abade de Prunis e autor de uma cópia parcial do manuscrito) que Montaigne fez acrescentos, de natureza factual e reflexiva, ao texto escrito pelo secretário. A polifonia desta primeira parte do diário constitui um desafio para o leitor, pois nem sempre é fácil distinguir a autoria de certas anotações: num parágrafo em que o narrador se penitencia por não ter visto o vulcão de Peglio, na Toscana, por puro esquecimento, a voz

parece ser a do próprio Montaigne. Já os jardins de Castello, nos arredores de Florença, com os seus surpreendentes jogos de água e a sua profusão de cedros, ciprestes, laranjeiras, limoeiros e oliveiras, são aparentemente descritos pelo criado a partir do que lhe disse o amo, pois não acompanhou os quatro fidalgos no passeio e fala deles na terceira pessoa gramatical. De qualquer modo, o secretário é um narrador consciente do seu papel: uma personagem secundária, que se identifica com a personagem principal ao ponto de expressar as suas opiniões e mesmo de usar as suas palavras. Fausta Garavini mostra, assim, a importância do retrato que o diligente criado nos deixou, como complemento do autorretrato de Montaigne: «portrait et autoportrait, deux volets d'un même dyptique»⁷⁵ que a dupla redação do *Journal* constrói.

Outra peculiaridade deste *Journal de voyage* é que a segunda parte do texto, do punho de Montaigne, começa por ser escrita em francês, passa depois à língua italiana (que o autor resolve exercitar a partir da primeira estada nas termas de La Villa) e regressa no final ao idioma gaulês, quando o viajante pisa de novo o solo pátrio. Meunier de Querlon traduziu para francês a secção italiana do *Journal*, a partir da transcrição feita por Bartoli, e alude no seu «Discours préliminaire» às dificuldades levantadas pelo italiano cheio de liberdades e galicismos de Montaigne. De qualquer forma, as primeiras palavras da parte italiana do texto

75 Fausta Garavini, «Introduction», in Montaigne, *Journal de voyage*, p. 9. «Retrato e autorretrato, dois painéis dum mesmo díptico.»

revelam bem o caráter experimental do recurso à língua do país visitado: «Assaggiamo di parlar un poco questa altra lingua [...]»⁷⁶

Forma aberta onde tudo pode caber (até o exercício de redação noutra língua como forma de «essai»), o diário de viagem funciona como o gênero mais adequado à *disponibilidade* de quem o escreve para observar e guardar na memória aquilo que é estrangeiro, e que pela sua diferença contraria a ideia da uniformidade da natureza humana. Porque é justamente a experiência da alteridade — o confronto do eu com o espelho do mundo — que Montaigne antevê no seu projeto de viagem, e por isso procura acomodar-se aos costumes estrangeiros para melhor conhecer os lugares visitados. Como anota o secretário, «M. de Montaigne, pour essayer tout à fait la diversité des moeurs et façons, se laissait partout servir à la mode de chaque pays, quelque difficulté qu'il y trouvât»⁷⁷.

«Essayer» é ainda aqui a palavra-chave, e o diário é o exercício quotidiano e indispensável que documenta essa *prova* de diferentes paisagens e culturas, arquiva imagens e impressões, e pode servir mais tarde como reserva de lembranças ou oficina de ideias literárias. Não se destinando a publicação, escrito no imediato do vivido e sem artifícios formais, é sobretudo um *memento* para

76 Montaigne, *Journal de voyage*, p. 460. «Experimentemos falar um pouco esta outra língua [...]»

77 *Ibid.*, p. 101. «O senhor de Montaigne, para melhor experimentar a diversidade dos usos e costumes, em todas as terras se deixava servir à moda local, mesmo que isso lhe causasse incómodo.»

uso privado. Jean Braybrook⁷⁸ salienta o caráter mnemotécnico do *Journal*, mostrando os procedimentos que fazem dele um instrumento da memória voluntária. As suas características de *aide-mémoire* são particularmente evidentes nas passagens que funcionam como «ficheiro médico» (a expressão é da mesma autora), memorando terapêutico e guia prático das estâncias termiais da França, da Alemanha e da Itália. O autor anota o sabor, a temperatura e o cheiro das águas de cada estância, as suas indicações específicas, a duração e os tipos de banhos, os efeitos dos tratamentos, a quantidade de água que bebe e elimina em cada dia, os suadouros, as cólicas frequentes, as areias tingidas de sangue e as pedras que expulsa, o seu tamanho, forma e cor, comparando-as por vezes com outras imagens naturais. Compreende-se o abade de Prunis incomodado com o excesso de fisiologia de certas páginas; mas o diarista, sobretudo na segunda metade do texto, é um homem em sofrimento que viaja em busca de alívio e que observa, com a obsessão dum doente mas também com a curiosidade dum espírito renascentista, os pormenores dessa fisiologia.

É notável a resiliência do nosso viajante, que depois duma noite mal passada se levanta cheio de energia para prosseguir viagem e ir conhecer novas terras. O secretário não deixa de registar «le plaisir qu'il prenait à visiter les pays inconnus, lequel il trouvait si doux que d'en oublier la faiblesse de

78 Jean Braybrook, «Le *Journal de Voyage* de Montaigne», *La Chouette*, n.º 31, Londres, 2000.

son âge et de sa santé, il ne le pouvait imprimer à nul de sa troupe, chacun ne demandant que la retraite»⁷⁹.

E quantos lugares viu o grupo durante esta viagem de quase um ano e meio! Paisagens verdejantes e terras áridas, montanhas e vales, cidades e aldeias, igrejas e abadias, estalagens de toda a sorte, palácios e jardins, bibliotecas, ruínas e monumentos, casos e coisas singulares, cerimónias e rituais, jogos de esgrima e habilidades de sela, festas públicas, gente de todas as condições — tudo isto dá cor ao *Journal*. Na primeira parte, o secretário interessa-se pelo tipo de casas que encontra nas localidades alemãs e suíças — com vidros ou sem vidros, com telhados de várias cores e agradáveis fogões de sala — e anota regularmente as suas observações sobre o conforto ou desconforto das hospedarias, o arranjo dos quartos, as roupas de cama, o serviço das refeições, os pratos de estanho ou de barro, os talheres, a abundância das ementas e a qualidade dos vinhos. Não faltam detalhes gastronómicos no seu registo; quanto a Montaigne, tanto ironiza sobre a fartura de lagostins que diariamente foram servidos às refeições num trajeto de duzentas léguas, desde Plombières até Itália, como lamenta não ter trazido, juntamente com a *Cosmografia* de Münster ou outros livros sobre as coisas raras de cada lugar, um cozinheiro que

79 Montaigne, *Journal de voyage*, p. 153. «O prazer que tinha em visitar terras desconhecidas, e que achava tão agradável a ponto de esquecer a debilidade da idade e da saúde, não o podia ele transmitir a nenhum dos do grupo, pois cada um só ansiava pelo descanso.»

pudesse aprender as saborosas receitas locais. O secretário-narrador repara também nas feições e nos trajes das mulheres, nos modos de cumprimentar, no caráter das pessoas, nos aspetos de organização social, nos trabalhos agrícolas, nos mecanismos engenhosos, nos moinhos de água para moer o linho e o milho, nos canais artificiais, nas fontes, na maneira de extrair o sal numa vila perto de Innsbruck. Descreve as belezas paisagísticas: no Tirol, por exemplo, o relevo das montanhas entrecortadas por grandes vales é comparado a um «vestido plissado». Relata pequenas anedotas, como a que lhe contaram, ainda na Lorena, sobre o homem que se fazia passar por rapariga e o modo como foi descoberto; recorda um médico de Basileia que possuía um herbário com os «simples» colados ao natural no papel e que expunha em casa esqueletos inteiros. De acordo com a sua condição, admira as ricas estrebarias de castelos e casas senhoriais, e nas do grão-duque de Florença observa uma fauna exótica composta por um camelo, leões, ursos e um tigre.

Todo o itinerário italiano, de Trento a Roma e de Roma a Milão, traça um retrato muito vivo de Montaigne, observando «curieusement» tudo o que encontra pelo caminho e em tudo encontrando um pretexto de escrita. Nos percursos da Toscana, antes e depois da longa estada em Roma, parece que o acompanhamos, tal é o visualismo da sua pincelada: entramos com ele nas cidades, recordamos os palácios de Florença, a catedral e a Piazza del Campo de Siena, a torre inclinada e o Batistério de Pisa, atravessamos os campos cobertos de oliveiras, imaginamos as cerejas a

amadurecer nos arredores de Pistoia e assistimos em Luca à colheita das folhas de amoreira para a indústria da seda.

A questão religiosa é um veio temático essencial neste diário: a presença das diferentes doutrinas reformistas nas regiões da Alemanha e da Suíça, a liberdade de crença nas cidades imperiais, os ofícios religiosos, os casamentos mistos, o aspeto exterior e interior das igrejas são fielmente reportados, uma vez que Montaigne, à chegada a cada localidade, faz um verdadeiro inquérito nesse capítulo, visita os locais de culto e conversa com teólogos e «gens de savoir». Na linha de outros críticos, Fausta Garavini mostra, com razão, «qu'on ne peut rien conclure, de cette 'enquête', quant au problème largement débattu de la foi de Montaigne: elle prouve seulement sa curiosité anthropologique, qui ne peut ne pas tenir compte de ce problème majeur de la civilisation de son temps»⁸⁰.

O mesmo se pode dizer da visita de Montaigne a Loreto, que alguns quiseram interpretar como peregrinação e prova da sua devoção, mas que deve ser enquadrada no contexto do seu interesse cultural. O autor dos *Essais* está sobretudo interessado em observar as diversas expressões da religiosidade, no espaço e no tempo histórico de crise que foram os seus. Na travessia do Norte

80 Fausta Garavini, «Introduction», *ibid.*, p. 20. «Que nada se pode concluir, deste 'inquérito', em relação ao problema largamente debatido da fé de Montaigne: ele prova apenas a sua curiosidade antropológica, que não pode deixar de levar em conta esse problema maior da civilização do seu tempo.»

de Itália, demora-se nas catedrais e igrejas de cada cidade, como a de Santo António em Pádua, onde o monumento a Bembo retém a sua atenção. Em Roma é recebido pelo Papa Gregório XIII e a audiência é relatada em todos os seus pormenores, sem esquecer os protocolares. Alguns dias depois, visita a sinagoga e assiste à circuncisão de uma criança. A cerimónia é motivo para uma longa descrição que foca ambientes, pessoas, cantos, gestos e todos os pormenores da operação.

A secção romana do *Journal* merece especial atenção, não só porque a estada de cinco meses na «cidade eterna» fornece matéria abundante ao diarista, mas também porque nessas páginas Montaigne revisita o tópico da decadência da grande cidade, anteriormente glosado por Du Bellay na coletânea de sonetos *Les antiquitez de Rome* (1558). Joachim Du Bellay vivera em Roma entre 1553 e 1557, na companhia dum tio, o cardeal Jean Du Bellay, enviado em missão diplomática junto do Papa. Na série de sonetos que compôs durante esses anos deixou o retrato da paisagem desolada do declínio e das ruínas, a amarga constatação da vitória do tempo sobre o esplendor e a grandeza dos monumentos: «Nouveau venu, qui cherches Rome en Rome / Et rien de Rome en Rome n'aperçois [...]» (soneto III). Como humanistas que eram, tanto Du Bellay como Montaigne veneravam os autores latinos e procuravam no solo que eles tinham pisado a memória das glórias e da arte do império romano. Mas ambos exprimiram — de forma poética num caso, diarística noutro — a sua decepção perante a imagem de decadência que Roma lhes ofereceu. E as suas meditações sobre o efeito do tempo que

tudo aniquila foram, de certa forma, momentos de revisão da aventura humanista, no seu esforço de revalorização e recoleção dos exemplos do mundo antigo. No caso de Montaigne, a primeira aprendizagem *in loco* da cidade é assim comentada:

«Tous ces jours-là il ne s’amusa qu’à étudier Rome. [...] Il disait qu’on ne voyait rien de Rome que le ciel sous lequel elle avait été assise et le plan de son gîte; que cette science qu’il en avait était une science abstraite et contemplative, de laquelle il n’y avait rien qui tombât sous les sens; que ceux qui disaient qu’on y voyait au moins les ruines de Rome en disaient trop; car les ruines d’une si épouvantable machine rapporteraient plus d’honneur et de révérence à sa mémoire; ce n’était rien que son sépulcre. Le monde, ennemi de sa longue domination, avait premièrement brisé et fracassé toutes les pièces de ce corps admirable; et, parce qu’encore tout mort, renversé et défiguré, il lui faisait horreur, il en avait enseveli la ruine même.»⁸¹

81 *Ibid.*, pp. 200-201. «Durante todos esses dias ocupou-se apenas do estudo de Roma. [...] Dizia que nada se via de Roma senão o céu sob o qual ela tinha sido edificada e o plano do seu lugar; que o conhecimento que dela tinha era um conhecimento abstrato e contemplativo, e em nada evidente aos sentidos; que exageravam aqueles que diziam que ao menos se viam as ruínas de Roma; porque as ruínas duma tão formidável máquina trariam mais honra e veneração pela sua memória; não era mais do que o seu sepulcro. O mundo, inimigo da sua longa dominação, ti-

Na sua meditação sobre as ruínas de Roma, Montaigne sobrepõe à *admiratio* a dúvida que o assombra, numa implícita interrogação sobre a possibilidade de inferir a grandeza do mundo antigo a partir dos seus fragmentos ou destroços. A admiração, tradicional categoria de compreensão da cidade monumental associada à ideia de autoridade dos antigos, é posta em causa pelo profundo ceticismo do seu comentário. Perante o vazio dos escombros que a vista abrange, da Roma imperial não pode ter senão «une science abstraite et contemplative, de laquelle il n'y avait rien qui tombât sous les sens».

Depois desta pausa meditativa, o diário regressa à lógica do relato focado sobre as solicitações do presente: as festas do Carnaval, o exorcismo de um possesso numa pequena capela, o encontro com o embaixador do «Moscovita» (Ivan, o Terrível), os sermões de rabinos e de jesuítas durante a Quaresma, a arte «si traîtresse»⁸² das cortesãs à janela. E Montaigne maravilha-se na Biblioteca Vaticana com papiros, pergaminhos, um livro chinês — «le caractère sauvage, les feuilles de certaine matière beaucoup plus tendre et pellucide que notre papier»⁸³ —, manuscritos diversos e exemplares de obras dos seus autores mais admirados. Num jan-

nha primeiro destruído e despedaçado todas as partes desse corpo admirável; e porque, mesmo morto, derrubado e desfigurado, ainda lhe causava horror, tinha feito desaparecer a própria ruína.»

82 *Ibid.*, p. 224. «Tão traiçoeira.»

83 *Ibid.*, p. 212. «Com a letra estranha, as folhas de certa matéria muito mais delicada e translúcida do que o nosso papel.»

tar oferecido pelo embaixador de França, discute acesamente com alguns eruditos os méritos da tradução de Plutarco por Amyot. Noutras ocasiões, tem conversas com jesuítas, e também com os censores pontifícios que lhe confiscaram (e devolveram depois, com muitas desculpas e algumas recomendações) os *Essais* à chegada a Roma. Evoca as estátuas que mais o impressionaram, entre elas o *Moisés* de Miguel Ângelo na igreja de San Pietro in Vincoli. Como homem de estudo ou simples *flâneur*, visitando os monumentos ou admirando a beleza das vinhas cardinalícias, em Roma Montaigne nunca se aborreceu: «[D]e mélancolie, qui est ma mort, et de chagrin, je n'en avais nulle occasion, ni dedans ni hors la maison.»⁸⁴ Faz novo balanço em vésperas de deixar a cidade, agradado com o seu cosmopolitismo:

«[C]'est la plus commune ville du monde, et où l'étrangeté et différence de nation se considère le moins; car de sa nature c'est une ville rapiécée d'étrangers; chacun y est comme chez soi.»⁸⁵

Por estas razões desejou muito o título de cidadão romano; e, apesar de algumas dificuldades,

84 *Ibid.*, p. 230. «Nunca tive alturas de melancolia, que é a minha morte, nem de aborrecimento, nem dentro nem fora de casa.»

85 *Ibid.*, p. 231. «É a cidade mais universal do mundo, e onde menos se repara na singularidade e na diferença dos povos, porque é por natureza uma cidade mesclada de estrangeiros, e cada um se sente como em casa.»

acabou por consegui-lo, reconhecendo logo de seguida que «c'est un titre vain; tant y a que j'ai reçu beaucoup de plaisir de l'avoir obtenu»⁸⁶.

Durante as duas estadas nas termas de La Villa, a poucas milhas de Luca, o foco do diarista é outro: excetuando algumas concessões ao mundano e ao pitoresco — como o baile camponês e o jantar que oferece, segundo o uso local —, concentra-se agora em si mesmo, nos males do corpo e nos tratamentos a que se submete. Observando-se a um tempo como doente e como médico amador, regista com toda a minúcia a sua experiência de aquista, a duração dos banhos e dos duches, a progressão dos seus padecimentos. Num dia em que eles são mais violentos, escreve uma nota estoica sobre a aceitação do sofrimento e da morte. A sua reputação como hidrólogo chega junto dos médicos, que o convidam a assistir a uma consulta importante, decididos a seguir o seu parecer. Observa também os casos à sua volta: o que mais o impressiona é o do mercador de Cremona que, entre outras estranhas enfermidades, tinha perdido a memória a ponto de não conseguir terminar o *pater*. E estigmatiza o saber inoperante dos médicos, cujas receitas se contradizem: no caso do mercador, «il était assez plaisant de voir les différentes ordonnances des médecins de divers endroits d'Italie, toutes contraires les unes aux autres, surtout sur le fait de ces bains et des douches. De vingt consultations,

86 *Ibid.*, p. 232. «É um título vão; em todo o caso, deu-me muito gosto obtê-lo.»

il n'y en avait pas deux d'accord entre elles; elles se condamnaient presque toutes l'une l'autre et s'accusaient d'homicide»⁸⁷.

Nas páginas finais do *Journal de voyage*, a «doença» do diário e a doença do diarista sobrepõem-se e quase se confundem: durante os dias do regresso a França, Montaigne nunca deixa de escrever, mas as entradas pouco mais são do que o repetido registo dos seus sofrimentos.

A topografia do corpo, a do espírito, a duma longa viagem pelo mundo antigo e moderno — realidades que correm em paralelo no diário de Montaigne. Diário de um homem que definiu o ser como perpétuo movimento e que, como lembra Meunier de Querlon, «n'était [...] jamais mieux que *le cul sur la selle*»⁸⁸.

A partir da sua experiência e das suas recordações de viajante, o autor regressou ao tema da viagem num dos mais extensos capítulos dos *Essais*, «De la vanité» (Livro III). Trata-se de um texto de carácter argumentativo sobre a arte e o prazer de viajar: Montaigne faz nele o elogio da diferença e da tolerância, mostrando que as viagens permitem descobrir a diversidade da natureza, dos costumes e das crenças, e, na medida em que

87 *Ibid.*, p. 291. «Não deixava de ser divertido ver as diferentes receitas de médicos de vários lugares italianos, todas contrárias umas às outras, sobretudo a respeito dos banhos e dos duches. Entre vinte consultas, não havia duas que estivessem de acordo; quase todas se condenavam mutuamente e se acusavam de homicídio.»

88 *Ibid.*, p. 42. «Nunca [...] estava melhor do que a cavalo.»

abalam preconceitos, constituem uma verdadeira lição para o espírito. Assim, diz ele,

«[L]e voyager me semble un exercice profitable. L'ame y a une continuelle exercitation, à remarquer les choses incogneues et nouvelles. Et je ne sçache point meilleure escole, comme j'ay dict souvent, à façonner la vie, que de luy proposer incessamment la diversité de tant d'autres vies, fantaisies et usances: et luy faire gouster une si perpetuelle varieté de formes de nostre nature.»⁸⁹

Admite que, tomado à letra, «ce plaisir de voyager, porte tesmoignage d'inquietude et d'irresolution»⁹⁰, traços nos quais, de resto, se reconhece; defende-se das acusações de ter abandonado durante mais de um ano a família e o governo da propriedade e de ter empreendido uma tão longa viagem em idade avançada; mas confessa que não se importaria de morrer longe de casa e do seu país. Num tom severo, e por vezes mordaz, critica

89 *E*, III, ix, 1018-1019. «O viajar parece-me uma atividade proveitosa. Através dela, a alma exercita-se continuamente a observar coisas desconhecidas e novas; e não sei de melhor escola, como frequentes vezes tenho dito, para formar a vida que incessantemente lhe apresentar a diversidade de tantas outras vidas, opiniões e costumes, e dar-lhe a provar uma tão perpétua variedade de formas da natureza humana.» (Trad. Rui Bertrand Romão.)

90 *Ibid.*, 1034. «Este prazer de viajar é prova de inquietude e inconstância.» (Trad. Rui Bertrand Romão.)

aqueles viajantes que não são capazes de se abrir à diferença, confinados, tal como os cortesãos, aos seus mundos próprios e chamando bárbaros a todos os outros. Montaigne dá-nos numa breve frase o seu retrato do «honnête homme» — uma primeira versão daquela figura que se tornaria emblemática na sociedade francesa do século seguinte, e que o Classicismo descreveria como o homem culto e elegante, senhor de si mesmo, galante e amável, comportando-se de acordo com as «bienséances». A versão de Montaigne representa o «honnête homme», muito simplesmente, como um homem de espírito aberto e universal: «On dict bien vray, qu'un honneste homme, c'est un homme meslé.»⁹¹

Entre Pascal, que condenava Montaigne («[L]e sot projet qu'il a de se peindre!»⁹²) por considerar que «le Moi est haïssable»⁹³, e Nietzsche, que expressava o seu júbilo por um tal homem ter escrito, gerações e gerações leram os *Essais* como uma obra provocatória, difícil ou apaixonante. E continuam a ler Montaigne todos aqueles que o acompanham na humana desmesura do seu projeto — viver a vida,

91 *Ibid.*, 1032. «É com justeza que se diz que um homem de bem é um homem de experiência variada.» (Trad. Rui Bertrand Romão.)

92 Blaise Pascal, *Pensées*, ed. Léon Brunschvicg, Paris, Garnier, 1961, n.º 62. «Que tolo projeto, o de se pintar!»

93 *Id.*, *ibid.*, n.º 455. «O Eu é detestável.»

claro, mas principalmente meditar sobre ela: «Avez vous sceu mediter et manier vostre vie? Vous avez fait la plus grande besoigne de toutes.»⁹⁴

94 *E*, III, XIII, 1158. «Soubestes meditar e modelar a vossa vida? Foi a melhor obra de todas.»

Bibliografia

Edições francesas utilizadas

- MONTAIGNE, *Essais*, chronologie et introduction par Alexandre Micha, Paris, Garnier-Flammarion, 1969, 3 vols.
- , *Les Essais*, édition établie par Jean Balsamo, Michel Magnien et Catherine Magnien-Simonin, Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 2007.
- , *Journal de voyage*, édition présentée, établie et annotée par Fausta Garavini, Paris, Gallimard, 1983.

Traduções parciais editadas em Portugal

- MONTAIGNE, *Três Ensaíos*, tradução de Agostinho da Silva, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933 (2.^a ed., Vega, 1993).
- , *Ensaíos – Antologia*, introdução, tradução e notas de Rui Bertrand Romão, Lisboa, Relógio d'Água, 1998.
- , *Da Amizade e Outros Ensaíos*, tradução e notas de Rui Bertrand Romão, Lisboa, Relógio d'Água, 2009.
- , *Da Vaidade*, tradução de Dóris Graça Dias, Lisboa, Ática, 2010.

Bibliografia seletiva sobre Montaigne

- BURKE, Peter, *Montaigne*, Oxford, Oxford University Press, 1981.
- BUTOR, Michel, *Essais sur les Essais*, Paris, Gallimard, 1968.
- CAVE, Terence, *How to read Montaigne*, London, Granta, 2007.
- FRIEDRICH, Hugo, *Montaigne*, Paris, Gallimard, 1968 (trad. de Robert Rovini).
- GARAVINI, Fausta, *Monstres et chimères. Montaigne, le texte et le fantasme*, trad. franc. de Isabel Picon, Paris, Honoré Champion, 1993 (tít. orig.: *Mostri e chimere. Montaigne, il testo, il fantasma*, Bolonha, Il Mulino, 1991).

- GASPARI, Ilaria, «Le moi haïssable: Pascal, Rousseau et 'l'étrangement autobiographique' de Montaigne», in *Essais. Revue Interdisciplinaire d'Humanités*, Bordéus, n° hors série, 2013.
- HAMLIN, William M., *Montaigne's English Journey. Reading the Essays in Shakespeare's Day*, Washington, Washington State University, 2013.
- LOURENÇO, Eduardo, «Montaigne ou a vida escrita», in *Heterodoxias*, coordenação, introdução e notas de João Tiago Pedroso de Lima, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2.ª ed., 2012 (uma primeira versão deste texto, em francês e mais extensa, foi publicada em Eduardo Lourenço e Pierre Botineau, *Montaigne 1533-1592*, Bordéus, L'Escampette, 1992).
- MARIN, Louis, «'C'est moi que je peins...': De la figurabilité du moi chez Montaigne», in *L'écriture de soi*, Paris, PUF, 1999.
- MATHIEU-CASTELLANI, Giselle, *Montaigne: l'écriture de l'essai*, Paris, PUF, 1988.
- MOUREAU, François, e BERNOULLI, René (ed.), *Autour du Journal de Voyage de Montaigne, 1580-1980* (Journées de Mulhouse et de Bâle, octobre 1980), Genève, Slatkine, 1982.
- NAKAM, Géralde, *Montaigne. La matière et la manière*, Paris, Klincksieck, 1991.
- POUILLOUX, Jean-Yves, *Montaigne: l'éveil de la pensée*, Paris, Honoré Champion, 1995.
- , *Montaigne, une vérité singulière*, Paris, Gallimard, 2012.
- RIBEIRO, Cristina Almeida, «Montaigne, entre o auto-retrato e a autobiografia», in *Românica*, 3, Lisboa, 1994.
- RIGOLOT, François, *Les métamorphoses de Montaigne*, Paris, PUF, 1988.
- ROMÃO, Rui Bertrand, «Introdução», in *Montaigne, Ensaios – Antologia*, Lisboa, Relógio d'Água, 1998, pp. 9-97.
- (org.), *O Cepticismo e Montaigne*, Covilhã, Universidade da Beira Interior, 2003.
- , *A «Apologia» na Balança. Reinvenção do Pirronismo na Apologia de Raimundo Sabunde de Michel de Montaigne*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.

- , *Montaigne e a Modernidade*, Covilhã, Universidade da Beira Interior, 2010.
- SEDLEY, David Louis, *Sublimity and Skepticism in Montaigne and Milton*, University of Michigan Press, 2005.
- SILVA, Agostinho da, *Miguel Eyquem, Senhor de Montaigne*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933.
- STAROBINSKI, Jean, *Montaigne en mouvement*, Paris, Gallimard, 1982.
- TAYLOR, Charles, *Sources of the Self*, Cambridge, Cambridge University Press, 1989.
- TOURNON, André, *Montaigne. La glose et l'essai*, Paris, Honoré Champion, 2000.
- VILLEY, Pierre, *Les sources et l'évolution des Essais de Montaigne*, Paris, Librairie Hachette, 1933, 2 vols. (1.^a ed.: 1908).

O Essencial sobre

- 1 **Irene Lisboa**
Paula Morão
- 2 **Antero de Quental**
Ana Maria A. Martins
- 3 **A Formação da Nacionalidade**
Ana Maria A. Martins
- 4 **A Condição Feminina**
Maria Antónia Palla
- 5 **A Cultura Medieval Portuguesa (Sécs. XI e XIV)**
Maria Antónia Palla
- 6 **Os Elementos Fundamentais da Cultura**
Jorge Dias
- 7 **Josefa d'Óbidos**
Vitor Serrão
- 8 **Mário de Sá-Carneiro**
Clara Rocha
- 9 **Fernando Pessoa**
Maria José de Lancastre
- 10 **Gil Vicente**
Stephen Reckert
- 11 **O Corso e a Pirataria**
Ana Maria P. Ferreira
- 12 **Os «Bebés-Proveta»**
Clara Pinto Correia
- 13 **Carolina Michaëlis de Vasconcelos**
Maria Assunção Pinto Correia
- 14 **O Cancro**
José Conde
- 15 **A Constituição Portuguesa**
Jorge Miranda
- 16 **O Coração**
Fernando de Pádua
(2.^a edição)
- 17 **Cesário Verde**
Joel Serrão
- 18 **Alceu e Safo**
Albano Martins
- 19 **O Romanceiro Tradicional**
J. David Pinto-Correia
- 20 **O Tratado de Windsor**
Luís Adão da Fonseca
- 21 **Os Doze de Inglaterra**
A. de Magalhães Basto
- 22 **Vitorino Nemésio**
David-Mourão Ferreira
- 23 **O Litoral Português**
Ilídio Alves de Araújo
- 24 **Os Provérbios Medievais Portugueses**
José Mattoso
- 25 **A Arquitectura Barroca em Portugal**
Paulo Varela Gomes
- 26 **Eugénio de Andrade**
Luís Miguel Nava
- 27 **Nuno Gonçalves**
Dagoberto Markl
- 28 **Metafísica**
António Marques
- 29 **Cristóvão Colombo e os Portugueses**
Avelino Teixeira da Mota

- 30 **Jorge de Sena**
Jorge Fazenda Lourenço
- 31 **Bartolomeu Dias**
Luís Adão da Fonseca
- 32 **Jaime Cortesão**
José Manuel Garcia
- 33 **José Saramago**
Maria Alzira Seixo
- 34 **André Falcão de Resende**
Américo da Costa Ramalho
- 35 **Drogas e Drogados**
Aureliano da Fonseca
- 36 **Portugal e a Liberdade dos Mares**
Ana Maria Pereira Ferreira
- 37 **A Teoria da Relatividade**
António Brotas
- 38 **Fernando Lopes-Graça**
Mário Vieira de Carvalho
- 39 **Ramalho Ortigão**
Maria João L. Ortigão de Oliveira
- 40 **Fidelino de Figueiredo**
A. Soares Amora
- 41 **A História das Matemáticas em Portugal**
J. Tiago de Oliveira
- 42 **Camilo**
João Bigotte Chorão
- 43 **Jaime Batalha Reis**
Maria José Marinho
- 44 **Francisco de Lacerda**
J. Bettencourt da Câmara
- 45 **A Imprensa em Portugal**
João L. de Moraes Rocha
- 46 **Raul Brandão**
A. M. B. Machado Pires
- 47 **Teixeira de Pascoaes**
Maria das Graças Moreira de Sá
- 48 **A Música Portuguesa para Canto e Piano**
José Bettencourt da Câmara
- 49 **Santo António de Lisboa**
Maria de Lourdes Sirgado Ganho
- 50 **Tomaz de Figueiredo**
João Bigotte Chorão
- 51/ **Eça de Queirós**
52 Carlos Reis
- 53 **Guerra Junqueiro**
António Cândido Franco
- 54 **José Régio**
Eugénio Lisboa
- 55 **António Nobre**
José Carlos Seabra Pereira
- 56 **Almeida Garrett**
Ofélia Paiva Monteiro
- 57 **A Música Tradicional Portuguesa**
José Bettencourt da Câmara
- 58 **Saúl Dias/Júlio**
Isabel Vaz Ponce de Leão
- 59 **Delfim Santos**
Maria de Lourdes Sirgado Ganho
- 60 **Fialho de Almeida**
António Cândido Franco
- 61 **Sampaio (Bruno)**
Joaquim Domingues

- 62 **O Cancioneiro Narrativo Tradicional**
Carlos Nogueira
- 63 **Martinho de Mendonça**
Luís Manuel A. V. Bernardo
- 64 **Oliveira Martins**
Guilherme d'Oliveira Martins
- 65 **Miguel Torga**
Isabel Vaz Ponce de Leão
- 66 **Almada Negreiros**
José-Augusto França
- 67 **Eduardo Lourenço**
Miguel Real
- 68 **D. António Ferreira Gomes**
Arnaldo de Pinho
- 69 **Mouzinho da Silveira**
A. do Carmo Reis
- 70 **O Teatro Luso-Brasileiro**
Duarte Ivo Cruz
- 71 **A Literatura de Cordel Portuguesa**
Carlos Nogueira
- 72 **Sílvio Lima**
Carlos Leone
- 73 **Wenceslau de Moraes**
Ana Paula Laborinho
- 74 **Amadeo de Souza-Cardoso**
José-Augusto França
- 75 **Adolfo Casais Monteiro**
Carlos Leone
- 76 **Jaime Salazar Sampaio**
Duarte Ivo Cruz
- 77 **Estrangeirados no Século XX**
Ana Paula Laborinho
- 78 **Filosofia Política Medieval**
Paulo Ferreira da Cunha
- 79 **Rafael Bordalo Pinheiro**
José-Augusto França
- 80 **D. João da Câmara**
Luiz Francisco Rebello
- 81 **Francisco de Holanda**
Maria de Lourdes Sirgado Ganho
- 82 **Filosofia Política Moderna**
Paulo Ferreira da Cunha
- 83 **Agostinho da Silva**
Romana Valente Pinho
- 84 **Filosofia Política da Antiguidade Clássica**
Paulo Ferreira da Cunha
- 85 **O Romance Histórico**
Rogério Miguel Puga
- 86 **Filosofia Política Liberal e Social**
Paulo Ferreira da Cunha
- 87 **Filosofia Política Romântica**
Paulo Ferreira da Cunha
- 88 **Fernando Gil**
Paulo Tunhas
- 89 **António de Navarro**
Martim de Gouveia e Sousa
- 90 **Eudoro de Sousa**
Luís Lóia
- 91 **Bernardim Ribeiro**
António Cândido Franco
- 92 **Columbano Bordalo Pinheiro**
José-Augusto França
- 93 **Averróis**
Catarina Belo

- 94 **António Pedro**
José-Augusto França
- 95 **Sottomayor Cardia**
Carlos Leone
- 96 **Camilo Pessanha**
Paulo Franchetti
- 97 **António José Brandão**
Ana Paula Loureiro de Sousa
- 98 **Democracia**
Carlos Leone
- 99 **A Ópera em Portugal**
Manuel Ivo Cruz
- 100 **A Filosofia Portuguesa
(Séculos XIX e XX)**
António Braz Teixeira
- 101/ **O Padre António Vieira**
102 Aníbal Pinto de Castro
- 103 **A História da Universidade**
Guilherme Braga da Cruz
- 104 **José Malhoa**
José-Augusto França
- 105 **Silvestre Pinheiro Ferreira**
José Esteves Pereira
- 106 **António Sérgio**
Carlos Leone
- 107 **Vieira de Almeida**
Luís Manuel A. V. Bernardo
- 108 **Crítica Literária
Portuguesa (até 1940)**
Carlos Leone
- 109 **Filosofia Política
Contemporânea (1887-1939)**
Paulo Ferreira da Cunha
- 110 **Filosofia Política
Contemporânea
(desde 1940)**
Paulo Ferreira da Cunha
- 111 **O Cancioneiro
Infantil e Juvenil
de Transmissão Oral**
Carlos Nogueira
- 112 **Ritmanálise**
Rodrigo Sobral Cunha
- 113 **Política de Língua**
Paulo Feytor Pinto
- 114 **O Tema da Índia
no Teatro Português**
Duarte Ivo Cruz
- 115 **A I República
e a Constituição de 1911**
Paulo Ferreira da Cunha
- 116 **O Capital Social**
Jorge Almeida
- 117 **O Fim do Império Soviético**
José Milhazes
- 118 **Álvaro Siza Vieira**
Margarida Cunha Belém
- 119 **Eduardo Souto Moura**
Margarida Cunha Belém
- 120 **William Shakespeare**
Mário Avelar
- 121 **Cooperativas**
Rui Namorado
- 122 **Marcel Proust**
António Mega Ferreira
- 123 **Albert Camus**
António Mega Ferreira
- 124 **Walt Whitman**
Mário Avelar
- 125 **Charles Chaplin**
José-Augusto França
- 126 **Dom Quixote**
António Mega Ferreira

O livro **O ESSENCIAL SOBRE
MICHEL DE MONTAIGNE**
é uma edição da
IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA
tem como autora
CLARA ROCHA
com design e capa do atelier
SILVADESIGNERS
composição, revisão e paginação
INCM
tem o ISBN **978-972-27-2398-5**
e o depósito legal **396 865/15.**
A primeira edição
acabou de ser impressa no mês de **DEZEMBRO**
do ano **DOIS MIL E QUINZE.**
CÓD. 1020656

www.incm.pt
www.facebook.com/INCM.Livros
editorial.apoiocliente@incm.pt

O E S S E N C I A L S O B R E

Michel de Montaigne

Clara Rocha

Entre Pascal, que condenava Montaigne por considerar que «le Moi est haïssable», e Nietzsche, que expressava o seu júbilo por um tal homem ter escrito, gerações e gerações leram os *Essais* como uma obra provocatória, difícil ou apaixonante. E continuam a ler Montaigne todos aqueles que o acompanham na humana desmesura do seu projeto — viver a vida, claro, mas principalmente meditar sobre ela: «Avez vous sceu mediter et manier vostre vie? Vous avez faict la plus grande besoigne de toutes.»

ISBN 978-972-27-2398-5



INCM
IMPRESA NACIONAL CASA DA MOEDA